

Evitar o phenomeno é pírta, desviar a attenção a que elle tem direito esdesprezar a verdade.

VICTOR HUGO.

O GUIA

Todo o effeito intelligente tem uma causa intelligente.

ALLAN KARDEK.

ORÇÃO DO ESPIRITISMO EM PERNAMBUCO
PUBLICAÇÃO MENSAL



EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno 48000

REDACÇÃO

Rua 1.º de Março n. 7 (antiga do Crespo)

Accéita-se qualquer collaboração dentro do nosso programma.

TEMOR DA MORTE

Causas do temor da Morte. — Porque os espiritos não temem a morte.

CAUSAS DO TEMOR DA MORTE

O homem, seja qual fôr o grão da escala a que pertença, desde o estado de selvageria, tem o sentimento innato do futuro; sua intuição lhe diz que a morte não é a ultima palavra da existencia, e que aquelles por quem choramos não estão perdidos para sempre. A crença no porvir é intuitiva, e infinitamente mais geral do que a do nada.

Como, pois, acontece achar-se ainda, nos que creem na immortalidade d'alma, tanta adhesão ás cousas da terra e tão grande medo da morte?

O receio da morte é um effeito da sabedoria da Providencia, e uma consequencia do espirito de conservação commum á todos os viventes.

Elle é necessario emquanto o homem não está sufficientemente esclarecido sobre as condições da vida futura, como paradeiro ao arrastamento que, sem esse freio, o levaria a deixar prematuramente a vida terrestre e a desprezar o trabalho d'este mundo, que deve servir para o seu proprio adiantamento.

Essa é a causa porque, entre os povos primitivos, não é o futuro mais que uma intuição vaga, mais tarde uma simples esperanza, que transforma-se mais tarde ainda em certeza, certeza porém contrapesada por um secreto apego á vida corporia.

A medida que o homem me-

lhor comprehende a vida futura, o temor da morte diminue; mas ao mesmo tempo, melhor comprehende a missão sua na terra, espera seu fim com mais calma, resignação e sem temor.

A certeza da vida futura dá-lhes ás idéas outra senda, alvo diverso á seus trabalhos; emquanto não alcança essa certeza, só trabalha pela vida actual; obtida ella, trabalha em prol do futuro sem desprezar o presente, porque sabe que da direcção mais ou menos acertada que a este der depende o seu porvir.

A certeza de tornar a achar seus amigos depois da morte, de reatar as relações que tivera sobre a terra, *de não perder um só fructo do seu trabalho*, de engrandecer incessantemente em intelligancia e em perfeição, dá-lhe paciencia para esperar e coragem para supportar as fadigas momentaneas da vida terrestre. A solidariedade que elle vê estabelecer-se entre os mortos e os vivos faz-lhe comprehender a que deve existir entre estes; desde então tem a fraternidade sua razão de ser, e a caridade um alvo no presente e no futuro.

Para libertar-se dos temores da morte, é mister poder encarnar-a sob seu verdadeiro ponto de vista, isto é, ter penetrado, pelo pensamento, no mundo espiritual, e ter feito d'elle uma idéa tão exacta quanto possivel, o que denota no espirito encarnado um certo desenvolvimento e certa aptidão para desprender-se da matéria. Entre aquelles que não estão sufficientemente adiantados, a vida material prevalece ainda sobre a espiritual.

O homem, affeiçoando-se com apego ao exterior, não vê a vida senão no corpo, entretanto que a vida real está na alma, privado de vida o corpo, tudo á seus olhos está perdido, e desespera.

Se, porém, em vez de concentrar seu pensamento na veste exterior, o derigisse para a fonte mesma da vida, para a alma, que é o sêr real sobrevivente a tudo, lamentaria então menos o corpo, fonte de tantas miserias e dôres; mas para isso faz-se necessaria uma força, que o espirito só adquire com a maturidade.

O medo da morte depende, pois, da insufficiencia das noções sobre a vida futura; mas

denota a necessidade de viver, e o receio que seja a destruição do corpo o fim de tudo; elle é assim provocado pelo secreto desejo de que sobreviva a alma, desfarçado ainda pela incerteza.

O temor fraquêa á medida que a certeza se fórma, e desaparece quando esta é completa.

Eis o lado providencial da questão. Seria prudente não offuscar o homem, cuja razão não está ainda bastante forte para supportar a perspectiva muito positiva, muito seductora, de um porvir que o fizesse negligenciar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intellectual.

Este estado de cousas é entretido e prolongado por causas puramente humanas, que desaparecerão com o progresso.

A primeira é o aspecto com que apresentam a vida futura, aspecto que poderia satisfazer as intelligencias pouco adiantadas, mas não as exigencias da razão dos homens que reflexiona. Assim estes dizem: «Desde que se nos apresenta como verdades absolutas principios contestados pela logica, e pelos dados positivos da sciencia, é porque não são verdades.»

D'ahi resulta para uns a incredulidade, para um grande numero uma crença mesclada de duvida. A vida futura é para elles uma idéa vaga e mais uma probabilidade, do que uma certeza absoluta; acreditão n'ella, quererão que fosse tal e apesar seu dizem: Si todavia assim não fosse! O presente é positivo, occupemo-nos d'elle primeiro; o futuro virá por demais.

E depois acrescentão, o que é um definitivo, a alma? E' um ponto, um atomo, uma faisca, uma chama? Como se sente ella? Como vê? Como percebe? Não considerão a alma como uma realidade effectiva: é uma abstracção. Os sêres que lhes são caros, reduzidos no pensar ao estado de atomos, estão por assim dizer perdidos para elles, e não possuem mais á seus olhos as qualidades que os fazia amalos; não podem comprehender o amor de uma faisca, nem o que por ella se possa ter, e quanto a si ficão mediocrementes satisfeitos de serem transformados em monadas. Resulta d'ahi a volta ao positivismo da vida terrestre, que tem alguma cousa mais substancial. O numero dos que

são dominados por este pensamento é consideravel.

Outra razão que prende ás cousas terrenas, mesmo áquelles que mais firmemente creem na vida futura, é a impressão que conservão do ensino que sobre ella desde a infancia se lhes ha dado.

O painel, que da vida futura faz a religião, é preciso convir, nem é muito seductor, nem muito consolador. De um lado vê-se n'elle as contorsões dos condemnados que expia nas chammas e nas torturas sem fim seus erros de um momento; para quem os seculos succedem aos seculos sem esperanza de linitivo nem de piedade; e, o que é ainda mais atroz, para quem o arrependimento é sem efficacia.

De outro lado, as almas do purgatorio, abatidas e afflictas, esperando seu livramento da bõa vontade dos vivos, que intercederão ou farão rezar por ellas, e não dos seus proprios esforços para progredirem. Essas duas categorias compõem a maioria immensa da população do outro mundo. Acima d'ellas paira a muito limitada categoria dos escolhidos, que gozão de uma beatitude contemplativa por toda a eternidade. Esta inutilidade eterna, preferivel sem duvida ao nada, não deixa entretanto de ser uma monotonia fastidiosa. E vê-se, nas pinturas que retratão os bemaventurados, figuras angelicas, mas que respirão antes o tedio que a verdadeira felicidade.

Este estado não satisfaz nem as aspirações nem á idéa instinctiva do progresso, unica que parece compativel com a felicidade absoluta. Custa conceber que o selvagem ignorante, de senso moral obtuso, só por ter recebido o baptismo, esteja no mesmo nivel do homem que chegou ao mais alto grão da sciencia e da moralidade pratica, depois de largos annos de trabalho. Menos concebivel ainda é que o menino morto em tenra idade, antes de ter consciencia de si e de seus actos, goze dos privilegios, pelo simples facto de uma cerimonia, na qual sua vontade não teve parte alguma.

Estes pensamentos não deixão de agitar os mais fervorosos por pouco que meditem.

Não entrando em conta para a felicidade futura o trabalho progressivo que desempenhão

na terra, a facilidade com que acreditão adquerir essa facilidade por meio de algumas praticas exteriores, a possibilidade até de compral-a a dinheiro, sem reforma séria do character e dos costumes, deixão aos gozos do mundo todo o valor. Mais de um crente diz no seu fôro intimo que visto seu futuro estar garantido pela satisfação de certas formulas, ou por dadas posthumas, que de nada o privão, seria superfluo impôr-se sacrificios ou outro qualquer incommodo em beneficio de outrem, desde que pôde-se conseguir a salvação trabalhando cada um para si.

Seguramente não é esse o pensamento de todos, porque ha grandes e bellas excepções; mas não se pôde negar que seja o do maior numero, sobretudo das massas pouco esclarecidas; não se pôde dissimular que a idéa que se faz das condições para ser-se feliz no outro mundo entretém o apego aos bens d'este, e como consequencias o egoismo.

Além d'isto, nos usos, tudo concorre para fazer lamentar a vida terrestre, e temer a passagem da terra para o céu. A morte é rodeada de cerimoniaes lugubres, que terrorisão em vez de provocarem esperanza. Se pintão a morte é sempre sob um aspecto repulsivo, e nunca como um somno da transição. Seus emblemas recordão todos a destruição do corpo, mostrando-o hediondo e descarnado; e nenhum symbolisa a alma despreendendo-se radiosa de seus grilhões terrestres. A partida para esse mundo mais feliz só é acompanhada das lamentações dos que sobrevivem, como se immensa desgraça tombára sobre os que partem, dizendo-lhes um eterno adeus, como se nunca mais os devessem tornar a vêr: o que se lamenta por elles são os gozos d'este mundo, como se não devessem encontrar maiores no outro. « Que desgraça, se diz, morre-se quando se é moço, rico, feliz, e tem-se diante de si um futuro brilhante. » A idéa de uma situação mais feliz toca apenas de leve o pensamento, porque não tem n'elle raizes.

Tudo concorre, pois, para inspirar o terror da morte, em lugar de fazer nascer a esperanza. O homem sem duvida empregará ainda longo tempo em se desfazer d'esses prejuizos, mas o conseguirá á medida que sua fé se for firmando, e que elle fizer uma idéa mais sã da vida espirital.

Demais, a crença vulgar colloca as almas em regiões apenas accessiveis ao pensamento; onde se tornão de alguma sorte estranhas aos sobreviventes; a igreja mesma põe entre ellas e estes uma barreira impossivel

de transpor: ella declara interompidas todas as relações, impossivel qualquer comunicação. Se ellas estão no inferno, está para sempre perdida a esperanza de as tornar a ver, a menos que se va lá ter tambem; se estão entre os escolhidos, estão inteiramente absorvidas por sua beatitude contemplativa.

Tudo isso interpõe entre os vivos e os mortos uma distancia tal, que se encara a separação como eterna; eis porque se prefere ter perto de si, mesmo sofrendo na terra, os entes que se ama, a vel-os partir, mesmo para o céu: Demais, a alma que está no céu será realmente feliz, vendo, por exemplo, seu filho, seu pai, sua mãe, ou seus amigos, arder eternamente?

PORQUE OS ESPIRITOS NÃO TEMEM A MORTE

A doutrina espirita muda inteiramente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é uma hypothese, porém uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um systema, porém sim um resultado de observação. Ergueu-se o véo; o mundo espirital nos apparece em toda a sua realidade pratica; não forão es-homens que o descobrirão pelo esforço de uma concepção engenhosa; são os mesmos habitantes d'esse mundo que nos vêem descrever a situação d'elles; ahi os vemos em todos os degrãos da escala espirital; em todas as phases da felicidade e da infelicidade; assistimos, emfim, a todas as peripecias da vida de além-tumulo. Essa é a causa, para os espiritos, da calma com que encaráo a morte, da serenidade de seus ultimos instantes sobre a terra.

Não é sómente a esperanza que os sustenta, é a certeza; sabem que a vida futura é a continuação da vida presente em melhores condições, e esperão-na com a mesma confiança com que esperão o nascer do sol depois de uma noite de tempestade. Os motivos d'esta confiança estão nos factos de que elles são testemunhas, e no accordo d'esses factos com a logica, com a justiça e bondade de Deus, e com as aspirações intimas do homem.

Para os espiritas a alma não é mais uma abstracção; ella tem um corpo ethereo, que a transforma em um sêr definido, que o pensamento abraça e concebe; já é muito para fixar as idéas sobre sua individualidade, suas aptidões e percepções. A saudade d'aquelles que nos são caros repousa sobre cousa real. Não se os representa mais como chammãs fugitivas que nada recordão ao pensamento, mas sob uma forma concreta que nol-os mostra melhor como sêres vi-

vos. Depois, em vez de perdidos nas profundezas do espaço, estão ao redor de nós; o mundo corporeo e o espirital estão em relações perpetuas; assistem-se mutuamente. Não sendo mais permittida a duvida sobre o porvir, não tem mais razão de ser o mêdo da morte; de sangue frio vê-se-a vir como um livramento, como a porta da vida, e não como a do nada.

A. K.

(Céu e Inferno).

CREAÇÕES DA VONTADE

(REVUE SCIENTIFIQUE ET MORALE DU SPIRITISME)

As creações fluidicas da vontade não são concepções puramente imaginativas; ellas existem realmente, e a vontade, projecção de força, fonte de energia, impressiona o ether psychico, aggrega-lhes as moleculas e determina a formação de entidades perfeitamente definidas.

A substancia etherica, isto é, a materia subtil e, por assim dizer, espiritualizada, é impressionavel aos menores movimentos do pensamento humano. Como o ar vibra em forma de som, o ether psychico vibra sob a influencia da vontade e soffre a acção do pensamento humano.

Essa acção se traduz por uma impressão luminosa, isto é, por uma forma; traduz-se igualmente por uma força, o que quer dizer que é susceptivel de mover-se em uma determinada direcção e agir á distancia.

Essa criação da vontade encerra tambem uma especie de electricidade, de magnitismo, que dota-a de um poder attractivo, ou repulsivo permittindo-lhe, queragregar-se a outras manifestações analogas, quer dissolver-se.

O pensamento é a força inicial e credora por excellencia, seja elle o pensamento divino, manifestação da intelligencia universal nas obras da criação, ou seja o pensamento humano em seu modo de acção mais limitado.

O pensamento divino, perfeito e harmonico, materializa-se pouco a pouco na substancia para ahi organizar a vida: o pensamento humano, imperfeito e limitado, não realisa mais na materia as leis geraes do universo; como, porém, o homem é o microcosmo do grande todo, repete em uma exigua medida a acção divinal magistral e, tambem elle, impressiona e aggrega os atomos da materia.

A materia etherica, impressionavel á vontade do homem, forma como que uma vasta zo-

na de substancia plastica que a vontade humana trabalha, modela a seu talante.

Os movimentos que a vontade imprime ao ether psychico apresentam aspectos diferentes e produzem diferentes phenomenos em relação com a natureza e a emissão do movimento.

Os pensamentos semi-inconscientes que o ser humano deixa emanar de si mesmo, dotados de uma fraca energia, de um movimento lento, impressionam pouco ether psychico, e a impressão vaga e de curta duração não aggrega senão fracamente os atomos. A forma que resulta d'esses pensamentos semi-inconsciente, sem cunho determinado, extingue-se depressa. Se ao contrario, o pensamento energicamente concebido é projectado com energia, manifesta-se por uma forma nitidamente determinada e cuja persistencia está em relação directa com a intensidade do movimento e com a applicação do metal humano sobre esse pensamento.

Um pensamento fixo ou dominante cria uma imagem nitida e de uma duração que pode ser muito longa. Essa imagem ou força, porque ella está longe de ser inerte, pôde ser dirigida pela vontade para um fim determinado e manifestar-se para uma influencia sencivel ou occulta.

A vontade produz verdadeiras correntes psychicas que atrahem os pensamentos analogos e luctam contra os pensamentos contrarios. E como o homem pensa continuamente, as creações de sua vontade povoam o mundo psychico e podem ser percebidas por certos videntes.

Muitissimas vezes um sensitivo somnambulico, ou dotado da dupla vista percebendo essas imagens que cada um de nós possui em sua atmosphaera perispiritual, tem a illusão de devassar o futuro, emquanto que não vê senão as formas emanadas dos nossos desejos, ou produzidas pela nossa imaginação.

As creações da vontade se transformam com a natureza dos pensamentos iniciaes. Os pensamentos de ordem material, isto é, inspirados em coisas concretas, affctam a phisionomia do objecto real a que se referem. Assim, o pensamento relativo a um gato creará a forma psychica de um gato, o relativo a uma flôr creará uma flôr, etc.; se os pensamentos, ultrapassando a ordem material se elevam á ordem espirital, manifestam-se por movimentos cuja impressão é mais simples e que se traduzirão, quer por uma vibração harmonica, quer por uma forma geometrica, quer

por uma impressão puramente luminosa e colorida.

Assim, os pensamentos de bondade, de justiça, de caridade, de amor, todos os sentimentos nobres e elevados que são coisas abstractas, projectados no ether psychico, ahi se desenvolvem sob o aspecto de movimentos luminosos cujas ondas apresenta ao sentido de um vidente desenvolvido admiráveis variações coloridas, ou formas geometricas de uma harmonia perfeita.

Ao contrario, as creações da vontade má produzem movimentos vibratorios inharmonicos, cuja impressão produzem a visão de tintas lugubres, de linhas quebradas, de formas mutiladas.

E' muito difficil vos diffinir de outro modo essas creações muito reaes da vontade, antes de tudo porque vos é quasi impossivel conceber outras formas que não sejam as apreciadas pelos vossos sentidos, e porque vos é ainda mais difficil comprehender que haja manifestações de materia sem forma, isto é que se traduzem ao unico sentido da alma pela propria harmonia que n'ellas existe.

Todas as noções que possuis da harmonia vos são fornecidas por uma equivalencia, uma correspondencia material; destruida essa correspondencia, a harmonia nem por isso deixa de existir.

O musico que compõe uma sonata encerra em seu cerebro a essencia da harmonia que elle em seguida traduzia por meio da notação musical e nos instrumentos; e entretanto, antes mesmo que tenha vibrado uma nota o artista tem a percepção nitida do que vai logo depois exprimir materialmente.

Assim, para resumir, diremos que das creações da nossa vontade, um certo numero — todas as que são o resultado de um pensamento material relativo a uma coisa concreta — impressiona o ether psychico de um movimento vibratorio que produz com mais ou menos intensidade e duração o aspecto da coisa concreta; enquanto que os pensamentos relativos a coisas abstractas e puramente espirituas, boas ou más, transmitem ao ether vibrações mais subtis, traduzidas por linhas ou por luminosidades; finalmente os pensamentos absolutamente elevados são forças demasiado puras para se objectivarem mesmo em uma vibração luminosa; ou essa luz está de tal modo acima das manifestações ordinarias que esses movimentos não podem ser percebidos senão por seres extraordinariamente auidos.

O ether psychico é perpetuamente influenciado pela vontade humana; as imagens, as di-

versas forças emanadas do individuo ahi se attrahem, se agregam, se anniquilam mutuamente ou se repellem o homem é constantemente accionado por por essas forças que projecta no mundo astral. Reforçadas pelo magnetismo que se desprende da volição humana, essas creações determinam as correntes de idéas, de sentimentos, que se impõem actualmente á humanidade, correntes que imprimem os movimentos sociaes, que impressionam as multidões que auxiliam o progresso ou que o embarçam, conforme a sua natureza, e que constituem uma especie de circulação psychica eminentemente fecunda.

Quando a sciencia tiver reconhecido, verificado, registrado as creações do pensamento humano, quando tiver demonstrado, com a sua existencia, a sua acção occulta e as leis que presidem ao seu modo de evolução o homem comprehenderá que não lhe basta agir exteriormente segundo a lei moral, se em sua mente elle cria formas ruins e desharmonicas, se projecta no universo espiritual essas forças mysteriosas e funestas que em seguida reagem sobre outros seres.

O homem compenetrado d'esta grande verdade — a tangibilidade do pensamento, porá sua vida espiritual mais em relação com as leis divinas, e, elevando o nivel de suas creações psychicas, elevar-se-ha a si mesmo, ao mesmo tempo que elevará o nivel geral da humanidade.

Então a somma dos pensamentos puros e bons ultrapassará a somma das más intellecções, e pouco a pouco a luz expellindo as trevas, o bem repellerá o mal e o reduzirá gradualmente á impotencia.

Um Espirito.

FACTOS ESPIRITAS

Moldes dos pés de espiritos materializados com o auxilio da parafina

Na experiencia realisada em Belper (Inglaterra) M. W. P. Adshad empregou uma gaiola, construida especialmente para nella ser encerrado o medium durante as sessões de materialisação, afim de resolver definitivamente esta questão: — a aparição da figura materializado é ou não, uma coisa distincta da pessoa de medium?

Esta questão foi resolvida affirmativamente.

O medium Miss Wood foi collocado em uma gaiola cuja porta fechou-se com parafusos. Foi nessas condições que viram-se apparecer dous phantasmas: — o de uma mulher conhecida pelo nome de Meggie, e em seguida o de um homem chamado Benny.

Ambos sahiram do gabinete; estas figuras em seguida materialisaram-se e desmaterialisaram-se deante dos espectadores e enfim, procederam, successivamente a moldagem de um de seus pés, na parafina.

“Foi Meggie que tentou a operação primeiramente. Sahindo do gabinete, ella aproximou-se de M. Smedley e collocou a mão sobre as costas da cadeira que elle occupava. M. Smedley perguntou si o espirito precisava de cadeira; Meggie fez com a cabeça um signal affirmativo.

«Elle se levantou e collocou a cadeira deante de dois baldes em um dos quaes havia agua quente com uma camada de parafina derretida, na superficie e no outro, agua fria.

«Meggie assentou-se, colheu seus longos vestidos e começou a mergulhar o pé esquerdo alternativamente na parafina derretida e na agua fria, continuando esse movimento até que o molde ficasse concluido.

«O phantasma estava tão bem encoberto por suas vestimentas que não nos foi mais possivel reconhecer o operador. Um dos assistentes, illudido pela vivacidade dos gestos, exclamou: “E' Benny”. Então a aparição collocou a mão sobre a de M. Smedley, como para lhe dizer: “Toque para saber quem sou”. “E' Meggie”, proferiu M. Smedley ella acaba de me estender sua pequena mão.»

“Quando a camada de parafina attingiu a espessura desejada Meggie descançou o pé esquerdo sobre o joelho direito e ficou nessa posição cerca de dois minutos; depois elevou o molde, segurou-o algum tempo no ar e bateu em cima de maneira que todas as pessoas presentes pudessem vel-o e ouvir as pancadas; depois a meu pedido, m'o entregou, e depositou-o em um logar seguro.

“Meggie tentou em seguida a mesma experiencia com o pé direito mas, depois de tel-o molhado duas ou tres vezes, se levantou, provavelmente após o esgotamento de suas forças, retirou-se para o gabinete e não mais voltou.

“A parafina que tinha adherido a seu pé direito foi em seguida acha la sobre o soalho do gabinete.

“Chegou então a vez de Benny. Elle fez um cumprimento geral, e, segundo seu habito, descançou sua grande mão sobre a cabeça de M. Smedley; tomou a cadeira que se lhe dava e collocou-a deante dos baldes, assentou-se e nelles começou a mergulhar o pé esquerdo alternativamente, como o tinha feito Meggie, mas com muito mais agilidade.

“A rapidez de seus movimentos dava-lhe a apparencia de

uma pequena machina a vapor, conforme a comparação de um dos assistentes.

“Afim de dar aos leitores uma idéa exacta das condições favoraveis em que se achavam os espectadores para seguir as operações, direi que durante a moldagem do pé de Benny, M. Smedley estava assentado immediatamente á direita do phantasma, de sorte que este poudescaçar a mão sobre sua cabeça e acariciar-lhe a face.

Eu estava á esquerda de Benny e tão proximo que pude tomar o molde que elle me entregava sem deixar meu logar; as pessoas que occupavam a primeira fileira de cadeiras estavam distanciadas dos dois baldes cerca de tres pés.

“Todos podiam acompanhar muito bem a operação desde a primeira immersão do pé até a terminação do molde; o phenomeno é para nós um facto tão verdadeiro como a claridade do sol ou a queda da neve..

“Si alguém dentre nós tivesse suspeitado que o medium empregava um artificio subtil qualquer para nos offerecer o molde do seu proprio pé, a suspeita teria desapparecido infallivelmente á vista do molde do pé esquerdo de Benny e que por este me foi entregue logo depois de tel-o tirado, em presença de todos os assistentes.

Eu não pude então reter a

exclamação: “Que differença.”

«Quando Benny acabou a moldagem, collocou a cadeira em seu logar e aproximou-se dos espectadores, apertando-lhes as mãos e conversando com elles.

“De repente elle lembrou-se de que, a seu pedido a porta da gaiola tinha ficado entre-aberta e, querendo nos provar que apesar dessa circumstancia o medium não tinha intervindo em nada na experiencia, encostou a mesa na porta da gaiola depois de a ter fechado, segurou meu braço com as duas mãos, apertou-o com força sobre a mesa, como se quizesse dizer-me que eu não devia deixal-a deslocar-se nem de uma pollegada; em seguida se inclinou para apanhar uma caixa de musica que encontrou á gaiola em uma posição inclinada, com uma aresta apoiada contra a porta da gaiola, a outra repousada no soalho, de sorte que ao se abrir a porta infallivelmente derrubaria a caixa. Nesse meio tempo Benny despediu-se e desappareceu.

“Resta-me assegurar que a mesa não se mexeu, que depois da sessão, a caixa de musica foi achada encostada á gaiola, no mesmo logar, e que o medium estava dentro della amarrado á cadeira, e em estado de lethargia.

«De tudo o que precede é pre-

ciso concluir que os moldes em parafina foram obtidos em condições tão conclusivas como si a porta da gaiola tivesse sido fechada com parafusos.

«Admittindo mesmo que a experiencia com a gaiola deixasse a desejar, os resultados adquiridos não exigem menos uma explicação.

Em primeiro lugar, um individuo não tem senão um unico pé esquerdo, ao passo que os moldes por nós obtidos pertencem a dois pés esquerdos, dissemelhantes por suas dimensões e conformação: o pé de Benny tinha 9 pollegadas de comprimento e 4 de largura, e o pé de Meggie 8 de comprimento e 2 1/4 de largura. Além disso, o gabinete estava tão cuidadosamente vigiado que nenhum ser humano poderia nelle penetrar sem ser immediatamente descoberto.

«Então, si os moldes em questão não foram tirados dos pés do medium,—o que me parece provado de uma maneira absoluta,—quaes foram pois os pés que serviram de modelo? (*Psychische Studien*, Dezembro de 1878, pags. 545 e 548; *Medium*, 1877, pag. 159).

NOTÍCIAS

especto. **Bezerra de Menezes**

Acaba de ceder a lei fatal que roge a humanidade, o grande e humanitario cidadão Dr. Adolpho Bezerra de Menezes, Presidente da *Federação Spiritista* do Rio de Janeiro.

Não temos competencia para fazermos o necrologio desse eminente espirito que tomou como divisa—*amar ao proximo como a si mesmo*—, porém, sectarios da mesma crença, não podemos deixar de dar o ultimo adeus a esse companheiro que vai ter a prova evidente das doutrinas que pregou e praticou, e, pedimos-lhe que, lá, onde seu illustrado espirito deve passar, nos auxilie a levar ao fim a nossa missão de humildes propagadores da grande doutrina spiritista, e que seja tambem o interprete perante o Todo Poderoso de nossos rogos e sinceras supplicas pelo arrependimento dos infelizes descrentes.

Com o titulo—*A Doutrina* acaba de sahir a luz da publicidade em Curitiba, um novo orgão do spiritismo, que vem defender e propagar tão sublimedéa.

Desejamos-lhe vida longa e prospera na carreira que escolheu.

Publicações

Recebemos e agradecemos: os ns. 406 e 407 do *Reformador*; 235, da *Verdade e Luz*; 42, do *Amor, Perdão e Caridade*; 1, da *Doutrina*, 6, da *Caridade*; *Il Vessillo Spiritista*, de Milão; 7, 8, 9, 10, da revista *L'Humanité Integrale*, de Paris; 8, da *Revista de Estudos Psicologicos*, de Barcelona, 18, da *Revista Espirita*, de Porto Alegre; e 13, da *Gazeta de Ubá*.

O QUE É O ESPIRITISMO

POR

Allan Kardec

PRIMEIRA PARTE

2.º Dialoga

O SCEPTICO

(Continuação)

V. — Perfeitamente; eis ahi um sabio raciocinando com sabedoria e prudencia; e, sem ser sabio, eu penso como elle; nota, porém, que elle nada affirma; elle duvida; ora, qual é a base em que se firma a crença na existencia dos Espiritos e, sobre tudo, na sua communicação comnosco?

A. K. — Essa crença se apoia sobre o raciocinio e sobre os factos.

Eu proprio não adoptei-a senão depois de maduro exame.

Tendo contrahido, no estudo das sciencias exactas, o habito das cousas positivas, sondei, perscrutei esta nova sciencia nos seus mais intimos refulhos; busquei explicar-me tudo, porque não costumo accetar idéa alguma, sem conhecer-lhe os como e os porque.

Eis um raciocinio que me fazia um sabio medico, outr'ora incredulo e hoje fervoroso adepto:

« Dizem que seres invisiveis se communicam, porque negal-o?

« Antes de inventar-se o microscopio, suspeitava alguém que existissem esses milhares de animaculos, que causam tantos estragos na economia?

« Onde a impossibilidade material de haver no espaço seres que escapem aos nossos sentidos?

« Teremos, por acaso, a ridicula pretensão de saber tudo, e de dizer a Deus que elle nada mais nos póde ensinar?

« Se esses seres invisiveis que nos rodeiam, são intelligentes, porque não se poderão communicar comnosco?

Se elles estão em relação com os homens, devem desempenhar um papel no seu destino, nos acontecimentos da vida destes.

« Quem sabe se elles não constituem uma das potencias da natureza, uma dessas forças occultas de que nem suspeitavamos.

« Que novo horisonte vac isto abrir o pensamento!

« Que campo tão vasto de observação!

« A descoberta do mundo dos invisiveis tem muito mais alcance que as dos infinitamente pequenos; ella é mais que uma descoberta, é uma revolução nas idéas.

« Quanta luz póde saltar dessa fonte! Quantas cousas mysteriosas irão encontrar n'ella a sua explicação!

« Os crentes são ridicularizados, mas que valor tem isso, quando o mesmo tem se dado a respeito de todas as grandes descobertas?

« Christovam Colombo não foi repellido, sobrecarregado de desgosto, tratado como insensato?

« São idéas tão estranhas, dizem, que não se lhes póde dar credito; mas a isso se póde responder que data de um meio seculo a possibilidade de, em alguns minutos, estabelecer-se uma correspondencia entre dous pontos oppostos do nosso planeta; de, em algumas horas, atravessar-se a França; de, com o fumo produzido com um pouco de agua fervendo, um navio avançar contra o vento; de tirarmos da agua os meios de esclarecer-mos e aquecermo-nos.

« Quem, ha meio seculo, tivesse proposto illuminar toda a cidade de Pariz, em um instante e com um só reservatorio de uma substancia invisivel, só conseguiria fazer rir de si.

« Será, por ventura, uma cousa mais prodigiosa, que o espaço seja povoado de seres pensantes que, depois de haverem vivido na Terra, n'ella deixaram seu envolvero material?

« Não se achará n'este facto a explicação das tantas crenças, que tem dividido os homens desde os mais remotos tempos?

« São cousas que bem merecem um estudo aprofundado.»

Eis reflexões de um sabio, mas de um sabio sem pretensão: ellas são igualmente feitas por muitos outros homens esclarecidos; todos elles viram, não superficialmente e com um animo prevenido; elles estudaram seriamente e sem partido fixo, e tiveram a modestia de não dizer:

Porque eu não comprehendo, isto não póde ser a verdade.

Sua convicção formou-se pela observação e o raciocinio.

Se essas idéas fossem uma chimera, acreditaes que todos esses homens sizudos as tivessem adoptado? Que por tanto tempo elles tenham sido victimas de uma illusão?

Não ha, pois impossibilidade

material em que existam seres invisiveis para nós, povoando o espaço, e esta só consideração devia bastar para exigir mas circumspecção.

Quem, ha bem pouco, poderia pensar que uma só gotta de agua limpida encerrasse milhares de seres, cuja pequenez extrema confunde a nossa imaginação?

Ora, eu digo que ha mais difficuldade em conceber a nossa razão seres de tal tenuidade, providos de todos os nossos orgão e funcionando como nós, do que aquelles a quem damos o nome de Espiritos.

V. — Sem duvida, mas por ser uma cousa possivel, não devemos concluir que exista.

A. K. — E' exacto; mas não podeis deixar de convir que, desde que uma cousa não é impossivel, já ella adiantou, porque a razão não a repelle.

Resta, pois, que a observação dos factos venha nos demonstrar a sua existencia.

Esta observação não é nova: tanto a historia sagrada como a profana provam a antiguidade e a universalidade dessa crença que perpetuou-se, atravez de todas as vicissitudes porque tem passado o mundo, e se mostra, entre os povos os mais selvagens, no estado de idéas innatas e intuitivas, e tão gravadas no pensamento como a do Ente Supremo e da existencia futura.

O Spiritismo, pois, não é uma criação moderna; tudo prova que os antigos o conheciam tão bem ou, talvez melhor que nós; somente, elle não era ensinado, senão com precauções mysteriosas que o tornavam inacessivel ao vulgo, abandonado de proposito no lamaçal da superstição.

Quanto aos factos, elles são de duas naturezas: uns são espontaneos e outros provocados.

Entre os primeiros estão as visões e aparições, tão frequentes; os ruidos, barulhos e perturbações de objectos, sem causa material e apparente, e um grande numero de effeitos insolitos, que olhavam como sobrenaturaes e hoje nos parecem simples, porque não admittimos o sobrenatural, pois que tudo no mundo está sujeito ás leis da natureza.

Os factos provocados são os obtidos por intermedio de medium.

(Continúa).

Atelier Miranda

Evitar o phenomeno é pirita, desviar a attenção a que elle tem direito esdesprezar a verdade.

VICTOR HUGO.

O GUIA

Todo o effeito intelligente tem uma causa intelligente.

ALLAN KARDEK.

ORÇÃO DO ESPIRITISMO EM PERNAMBUCO
PUBLICAÇÃO MENSAL



EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno 48000

REDACÇÃO

Rua 1.º de Março n. 7 (antiga do Crespo)

Acceita-se qualquer collaboração dentro do nosso programma.

TEMOR DA MORTE

Causas do temor da Morte. — Porque os espiritos não temem a morte.

CAUSAS DO TEMOR DA MORTE

O homem, seja qual fôr o gráo da escaia a que pertença, desde o estado de selvageria, tem o sentimento innato do futuro; sua intuição lhe diz que a morte não é a ultima palavra da existencia, e que aquelles por quem choramos não estão perdidos para sempre. A crença no porvir é intuitiva, e infinitamente mais geral do que a do nada.

Como, pois, acontece achar-se ainda, nos que creem na immortalidade d'alma, tanta adhesão ás cousas da terra e tão grande medo da morte?

O receio da morte é um effeito da sabedoria da Providencia, e uma consequencia do espirito de conservação commum á todos os viventes.

Elle é necessario emquanto o homem não está sufficientemente esclarecido sobre as condições da vida futura, como paradeiro ao arrastamento que, sem esse freio, o levaria a deixar prematuramente a vida terrestre e a desprezar o trabalho d'este mundo, que deve servir para o seu proprio adiantamento.

Essa é a causa porque, entre os povos primitivos, não é o futuro mais que uma intuição vaga, mais tarde uma simples esperanza, que transforma-se mais tarde ainda em certeza, certeza porém contrapesada por um secreto apego á vida corporia.

A' medida que o homem me-

lhor comprehende a vida futura, o temor da morte diminue; mas ao mesmo tempo, melhor comprehende a missão sua na terra, espera seu fim com mais calma, resignação e sem temor.

A certeza da vida futura dá-lhes ás idéas outra senda, alvo diverso á seus trabalhos; emquanto não alcança essa certeza, só trabalha pela vida actual; obtida ella, trabalha em prol do futuro sem desprezar o presente, porque sabe que da direcção mais ou menos acertada que a este der depende o seu porvir.

A certeza de tornar a achar seus amigos depois da morte, de reatar as relações que tivera sobre a terra, *de não perder um só fructo do seu trabalho*, de engrandecer incessantemente em intelligancia e em perfeição, dá-lhe paciencia para esperar e coragem para supportar as fadigas momentaneas da vida terrestre. A solidariedade que elle vê estabelecer-se entre os mortos e os vivos faz-lhe comprehender a que deve existir entre estes; desde então tem a fraternidade sua razão de ser, e a caridade um alvo no presente e no futuro.

Para libertar-se dos temores da morte, é mister poder encarar-a sob seu verdadeiro ponto de vista, isto é, ter penetrado, pelo pensamento, no mundo espiritual, e ter feito d'elle uma idéa tão exacta quanto possivel, o que denota no espirito encarnado um certo desenvolvimento e certa aptidão para desprender-se da matéria. Entre aquelles que não estão sufficientemente adiantados, a vida material prevalece ainda sobre a espiritual.

O homem, affeiçãoando-se com apego ao exterior, não vê a vida senão no corpo, entretanto que a vida real está na alma, privado de vida o corpo, tudo á seus olhos está perdido, e desespera.

Se, porém, em vez de concentrar seu pensamento na veste exterior, o derigisse para a fonte mesma da vida, para a alma, que é o sér real sobrevivente a tudo, lamentaria então menos o corpo, fonte de tantas miserias e dôres; mas para isso faz-se necessaria uma força, que o espirito só adquire com a maturidade.

O medo da morte depende, pois, da insufficiencia das noções sobre a vida futura; mas

denota a necessidade de viver, e o receio que seja a destruição do corpo o fim de tudo; elle é assim provocado pelo secreto desejo de que sobreviva a alma, desfarçado ainda pela incerteza.

O temor fraquêa á medida que a certeza se fórma, e desaparece quando esta é completa.

Eis o lado providencial da questão. Seria prudente não offuscar o homem, cuja razão não está ainda bastante forte para supportar a perspectiva muito positiva, muito seductora, de um porvir que o fizesse negligenciar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intellectual.

Este estado de cousas é entretido e prolongado por causas puramente humanas, que desaparecerão com o progresso.

A primeira é o aspecto com que apresentam a vida futura, aspecto que poderia satisfazer as intelligencias pouco adiantadas, mas não as exigencias da razão dos homens que reflexiona. Assim estes dizem: «Desde que se nos apresenta como verdades absolutas principios constestados pela logica, e pelos dados positivos da sciencia, é porque não são verdades.»

D'ahi resulta para uns a incredulidade, para um grande numero uma crença mesclada de duvida. A vida futura é para elles uma idéa vaga e mais uma probabilidade, do que uma certeza absoluta; acreditão n'ella, quererão que fosse tal e apesar seu dizem: Si todavia assim não fosse! O presente é positivo, occupemo-nos d'elle primeiro; o futuro virá por demais.

E depois acrescentão, o que é um difinitivo, a alma? E' um ponto, um atomo, uma faisca, uma chama? Como se sente ella? Como vê? Como percebe? Não considerão a alma como uma realidade effectiva: é uma abstracção. Os seres que lhes são caros, reduzidos no pensar ao estado de atomos, estão por assim dizer perdidos para elles, e não possuem mais á seus olhos as qualidades que os fazia amalos; não podem comprehender o amor de uma faisca, nem o que por ella se possa ter, e quanto a si ficão mediocritermente satisfeitos de serem transformados em monadas. Resulta d'ahi a volta ao positivismo da vida terrestre, que tem alguma cousa mais substancial. O numero dos que

são dominados por este pensamento é consideravel.

Outra razão que prende ás cousas terrenas, mesmo aquelles que mais firmemente creem na vida futura, é a impressão que conservação do ensino que sobre ella desde a infancia se lhes ha dado.

O painel, que da vida futura faz a religião, é preciso convir, nem é muito seductor, nem muito consolador. De um lado vê-se n'elle as contorsões dos condemnados que expia nas chammas e nas torturas sem fim seus erros de um momento; para quem os seculos succedem aos seculos sem esperanza de linitivo nem de piedade; e, o que é ainda mais atroz, para quem o arrependimento é sem efficacia.

De outro lado, as almas do purgatorio, abatidas e afflictas, esperando seu livramento da bôa vontade dos vivos, que intercederão ou farão rezar por ellas, e não dos seus proprios esforços para progredirem. Essas duas categorias compõem a maioria immensa da população do outro mundo. Acima d'ellas paira a muito limitada categoria dos escolhidos, que gozão de uma beatitude contemplativa por toda a eternidade. Esta inutilidade eterna, preferivel sem duvida ao nada, não deixa entretanto de ser uma monotonia fastidiosa. E vê-se, nas pinturas que retratão os bemaventurados, figuras angelicas, mas que respirão antes o tedio que a verdadeira felicidade.

Este estado não satisfaz nem as aspirações nem á idéa instinctiva do progresso, unica que parece compativel com a felicidade absoluta. Custa conceber que o selvagem ignorante, de senso moral obtuso, só por ter recebido o baptismo, esteja no mesmo nivel do homem que chegou ao mais alto gráo da sciencia e da moralidade pratica, depois de largos annos de trabalho. Menos concebivel ainda é que o menino morto em tenridade, antes de ter consciencia de si e de seus actos, goze dos privilegios, pelo simples facto de uma cerimonia, na qual sua vontade não teve parte alguma.

Estes pensamentos não deixão de agitar os mais fervorosos por pouco que meditem.

Não entrando em conta para a felicidade futura o trabalho progressivo que desempenhão



2.629
52

na terra, a facilidade com que acreditão adquerir essa facilidade por meio de algumas practicas exteriores, a possibilidade até de compral-a a dinheiro, sem reforma séria do character e dos costumes, deixão aos gozos do mundo todo o valor. Mais de um crente diz no seu fóro intimo que visto seu futuro estar garantido pela satisfação de certas formulas, ou por dadas posthumas, que de nada o privão, seria superfluo impôr-se sacrificios ou outro qualquer incommodo em beneficio de outrem, desde que pôde-se conseguir a salvação trabalhando cada um para si.

Seguramente não é esse o pensamento de todos, porque ha grandes e bellas excepções; mas não se pôde negar que seja o do maior numero, sobretudo das massas pouco esclarecidas; não se pôde dissimular que a idéa que se faz das condições para ser-se feliz no outro mundo entretém o apego aos bens d'este, e como consequencias o egoismo.

Além d'isto, nos usos, tudo concorre para fazer lamentar a vida terrestre, e temer a passagem da terra para o céu. A morte é rodeada de cerimoniaes lugubres, que terrorisão em vez de provocarem esperança. Se pintão a morte é sempre sob um aspecto repulsivo, e nunca como um somno da transição. Seus emblemas recordão todos a destruição do corpo, mostrando-o hediondo e descarnado; e nenhum symbolisa a alma despreendendo-se radiosa de seus grilhões terrestres. A partida para esse mundo mais feliz só é acompanhada das lamentações dos que sobrevivem, como se immensa desgraça tombára sobre os que partem, dizendo-lhes um eterno adeus, como se nunca mais os devessem tornar a vêr: o que se lamenta por elles são os gozos d'este mundo, como se não devessem encontrar maiores no outro. « Que desgraça, se diz, morre-se quando se é moço, rico, feliz, e tem-se diante de si um futuro brilhante. » A idéa de uma situação mais feliz toca apenas de leve o pensamento, porque não tem n'elle raizes.

Tudo concorre, pois, para inspirar o terror da morte, em lugar de fazer nascer a esperança. O homem sem duvida empregará ainda longo tempo em se desfazer d'esses prejuizos, mas o conseguirá á medida que sua fé se for firmando, e que elle fizer uma idéa mais sã da vida espirital.

Demais, a crença vulgar colloca as almas em regiões apenas accessiveis ao pensamento, onde se tornão de alguma sorte estranhas aos sobreviventes; a igreja mesma põe entre ellas e estes uma barreira impossivel

de transpor: ella declara interrompidas todas as relações, impossivel qualquer communicação. Se ellas estão no inferno, está para sempre perdida a esperança de as tornar a ver, a menos que se va lá ter tambem; se estão entre os escolhidos, estão inteiramente absorvidas por sua beatitude contemplativa.

Tudo isso interpõe entre os vivos e os mortos uma distancia tal, que se encara a separação como eterna; eis porque se prefere ter perto de si, mesmo soffrendo na terra, os entes que se ama, a vel-os partir mesmo para o céu: Demais, a alma que está no céu será realmente feliz, vendo, por exemplo, seu filho, seu pai, sua mãe, ou seus amigos, arder eternamente?

PORQUE OS ESPIRITAS NÃO TEMEM A MORTE

A doutrina espirita muda inteiramente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é uma hypothese, porém uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um systema, porém sim um resultado de observação. Ergueu-se o véo; o mundo espirital nos apparece em toda a sua realidade pratica; não forão os homens que o descobrirão pelo esforço de uma concepção engenhosa; são os mesmos habitantes d'esse mundo que nos vêm descrever a situação d'elles; ahi os vemos em todos os degrãos da escala espirital; em todas as phases da felicidade e da infelicidade; assistimos, emfim, a todas as peripecias da vida de além-tumulo. Essa é a causa, para os espiritos, da calma com que encaram a morte, da serenidade de seus ultimos instantes sobre a terra.

Não é sómente a esperança que os sustenta, é a certeza; sabem que a vida futura é a continuação da vida presente em melhores condições, e esperão-na com a mesma confiança com que esperão o nascer do sol depois de uma noite de tempestade. Os motivos d'esta confiança estão nos factos de que elles são testemunhas, e no accordo d'esses factos com a logica, com a justiça e bondade de Deus, e com as aspirações intimas do homem.

Para os espiritas a alma não é mais uma abstracção; ella tem um corpo ethereo, que a transforma em um sêr definido, que o pensamento abraça e concebe; já é muito para fixar as idéas sobre sua individualidade, suas aptidões e percepções. A saudade d'aquelles que nos são caros repousa sobre cousa real. Não se os representa mais como chammas fugitivas que nada recordão ao pensamento, mas sob uma fórma concreta que nol-os mostra melhor como sêres vi-

vos. Depois, em vez de perdidos nas profundezas do espaço, estão ao redor de nós; o mundo corporeo e o espirital estão em relações perpetuas; assistem-se mutuamente. Não sendo mais permittida a duvida sobre o porvir, não tem mais razão de ser o mêdo da morte; de sangue frio vê-se-a vir como um livramento, como a porta da vida, e não como a do nada.

A. K.

(Céu e Inferno).

Creações da vontade

(REVUE SCIENTIFIQUE ET MORALE DU SPIRITISME)

As creações fluidicas da vontade não são concepções puramente imaginativas; ellas existem realmente, e a vontade, projecção de força, fonte de energia, impressiona o ether psychico, aggrega-lhes as moleculas e determina a formação de entidades perfeitamente definidas.

A substancia etherica, isto é, a materia subtil e, por assim dizer, espiritalizada, é impressionavel aos menores movimentos do pensamento humano. Como o ar vibra em forma de som, o ether psychico vibra sob a influencia da vontade e soffre a acção do pensamento humano.

Essa acção se traduz por uma impressão luminosa, isto é, por uma forma; traduz-se igualmente por uma força, o que quer dizer que é susceptivel de mover-se em uma determinada direcção e agir á distancia.

Essa criação da vontade encerra tambem uma especie de electricidade, de magnetismo, que dota-a de um poder attractivo, ou repulsivo permittindo-lhe, quer aggregar-se a outras manifestações analogas, quer dissolver-se.

O pensamento é a força inicial e credora por excellencia, seja elle o pensamento divino, manifestação da intelligencia universal nas obras da criação, ou seja o pensamento humano em seu modo de acção mais limitado.

O pensamento divino, perfeito e harmonico, materializa-se pouco a pouco na substancia para ahi organizar a vida: o pensamento humano, imperfeito e limitado, não realisa mais na materia as leis geraes do universo; como, porém, o homem é o microcosmo do grande todo, repete em uma exigua medida a acção divinal magistral e, tambem elle, impressiona e aggrega os atomos da materia.

A materia etherica, impressionavel á vontade do homem, forma como que uma vasta zo-

na de substancia plastica que a vontade humana trabalha, modela a seu talante.

Os movimentos que a vontade imprime ao ether psychico apresentam aspectos differentes e produzem differentes phenomenos em relação com a natureza e a emissão do movimento.

Os pensamentos semi-inconscientes que o ser humano deixa emanar de si mesmo, dotados de uma fraca energia, de um movimento lento, impressionam pouco ether psychico, e a impressão vaga e de curta duração não aggrega senão fracamente os atomos. A forma que resulta d'esses pensamentos semi-inconscientes, sem cunho determinado, extingue-se depressa. Se ao contrario, o pensamento energeticamente concebido é projectado com energia, manifesta-se por uma forma nitidamente determinada e cuja persistencia está em relação directa com a intensidade do movimento e com a applicação do metal humano sobre esse pensamento.

Um pensamento fixo ou dominante cria uma imagem nitida e de uma duração que pode ser muito longa. Essa imagem ou força, porque ella está longe de ser inerte, pôde ser dirigida pela vontade para um fim determinado e manifestar-se para uma influencia sencivel ou occulta.

A vontade produz verdadeiras correntes psychicas que atrahem os pensamentos analogos e luctam contra os pensamentos contrarios. E como o homem pensa continuamente, as creações de sua vontade povoam o mundo psychico e podem ser percebidas por certos videntes.

Muitissimas vezes um sensitivo somnambulico, ou dotado da dupla vista percebendo essas imagens que cada um de nós possui em sua atmosfera perispiritual, tem a illusão de devassar o futuro, emquanto que não vê senão as formas emanadas dos nossos desejos, ou produzidas pela nossa imaginação.

As creações da vontade se transformam com a natureza dos pensamentos iniciaes. Os pensamentos de ordem material, isto é, inspirados em coisas concretas, affetam a phisionomia do objecto real a que se referem. Assim, o pensamento relativo a um gato creará a forma psychica de um gato, o relativo á uma flôr creará uma flôr, etc.; se os pensamentos, ultrapassando a ordem material, se elevam á ordem espirital, manifestam-se por movimentos cuja impressão é mais simples e que se traduzirão, quer por uma vibração harmonica, quer por uma forma geometrica, quer

por uma impressão puramente luminosa e colorida.

Assim, os pensamentos de bondade, de justiça, de caridade, de amor, todos os sentimentos nobres e elevados que são coisas abstractas, projectados no ether psychico, ahi se desenvolvem sob o aspecto de movimentos luminosos cujas ondas apresenta ao sentido de um vidente desenvolvido admiraveis variações coloridas, ou formas geometricas de uma harmonia perfeita.

Ao contrario, as creações da vontade má produzem movimentos vibratorios inharmonicos, cuja impressão produzem a visão de tintas lugubres, de linhas quebradas, de formas mutiladas.

E' muito difficil vos diffinir de outro modo essas creações muito reaes da vontade, antes de tudo porque vos é quasi impossivel conceber outras formas que não sejam as apreciadas pelos vossos sentidos, e porque vos é ainda mais difficil comprehender que haja manifestações de materia sem forma, isto é que se traduzem ao unico sentido da alma pela propria harmonia que n'ellas existe.

Todas as noções que possuis da harmonia vos são fornecidas por uma equivalencia, uma correspondencia material; destruida essa correspondencia, a harmonia nem por isso deixa de existir.

O musico que compõe uma sonata encerra em seu cerebro a essencia da harmonia que elle em seguida traduzia por meio da notação musical e nos instrumentos; e entretanto, antes mesmo que tenha vibrado uma nota o artista tem a percepção nitida do que vai logo depois exprimir materialmente.

Assim, para resumir, diremos que das creações da nossa vontade, um certo numero — todas as que são o resultado de um pensamento material relativo a uma coisa concreta — impressiona o ether psychico de um movimento vibratorio que produz com mais ou menos intensidade e duração o aspecto da coisa concreta; enquanto que os pensamentos relativos a coisas abstractas e puramente espirituas, boas ou más, transmitem ao ether vibrações mais subteis, traduzidas por linhas ou por luminosidades; finalmente os pensamentos absolutamente elevados são forças demasiado puras para se objectivarem mesmo em uma vibração luminosa; ou essa luz está de tal modo acima das manifestações ordinarias que esses movimentos não podem ser percebidos senão por seres extraordinariamente evoluídos.

O ether psychico é perpetuamente influenciado pela vontade humana; as imagens, as di-

versas forças emanadas do individuo ahi se attrahem, se agregam, se anniquilam mutuamente ou se reppellem o homem é constantemente accionado por por essas forças que projecta no mundo astral. Reforçadas pelo magnetismo que se desprende da volição humana, essas creações determinam as correntes de idéas, de sentimentos, que se impõem actualmente á humanidade, correntes que imprimem os movimentos sociaes, que impressionam as multidões que auxiliam o progresso ou que o embaraçam, conforme a sua natureza, e que constituem uma especie de circulação psychica eminentemente fecunda.

Quando a sciencia tiver reconhecido, verificado, registrado as creações do pensamento humano, quando tiver demonstrado, com a sua existencia, a sua acção occulta e as leis que presidem ao seu modo de evolução o homem comprehenderá que não lhe basta agir exteriormente segundo a lei moral, se em sua mente elle cria formas ruins e desharmonicas, se projecta no universo espiritual essas forças mysteriosas e funestas que em seguida reagem sobre outros seres.

O homem compenetrado d'esta grande verdade — a tangibilidade do pensamento, porá sua vida espiritual mais em relação

com as leis divinas, e, elevando o nivel de suas creações psychicas, elevar-se-ha a si mesmo, ao mesmo tempo que elevará o nivel geral da humanidade.

Então a somma dos pensamentos puros e bons ultrapassará a somma das más intellecções, e pouco a pouco a luz expellindo as trevas, o bem repellerá o mal e o reduzirá gradualmente á impotencia.

Um Espirito.

FACTOS ESPIRITAS

Moldes dos pés de espiritos materializados com o auxilio da parafina

Na experiencia realisada em Belper (Inglaterra) M. W. P. Adshhead empregou uma gaiola, construida especialmente para nella ser encerrado o medium durante as sessões de materialisação, afim de resolver definitivamente esta questão: — a apparição da figura materializado é ou não, uma cousa distincta da pessoa de medium?

Esta questão foi resolvida affirmativamente.

O medium Miss Wood foi collocado em uma gaiola cuja porta fechou-se com parafusos. Foi nessas condições que viram-se apparecer dous phantasmas: — o de uma mulher conhecida pelo nome de Meggie, e em seguida o de um homem chamado Benny.

Ambos sahiram do gabinete; estas figuras em seguida materialisaram-se e desmaterialisaram-se deante dos espectadores e emfim, procederam, successivamente a moldagem de um de seus pés, na parafina.

«Foi Meggie que tentou a operação primeiramente. Sahindo do gabinete, ella aproximou-se de M. Smedley e collocou a mão sobre as costas da cadeira que elle occupava. M. Smedley perguntou si o espirito precisava de cadeira; Meggie fez com a cabeça um signal affirmativo.

«Elle se levantou e collocou a cadeira deante de dois baldes em um dos quaes havia agua quente com uma camada de parafina derretida, na superficie e no outro, agua fria.

«Meggie assentou-se, colheu seus longos vestidos e começou a mergulhar o pé esquerdo alternativamente na parafina derretida e na agua fria, continuando esse movimento até que o molde ficasse concluido.

«O phantasma estava tão bem encoberto por suas vestimentas que não nos foi mais possivel reconhecer o operador. Um dos assistentes, illudido pela vivacidade dos gestos, exclamou: «E' Benny». Então a apparição collocou a mão sobre a de M. Smedley, como para lhe dizer: «Toque para saber quem sou».

«E Meggie, proferiu M. Smedley ella acaba de me estender sua pequena mão.»

«Quando a camada de parafina attingiu a espessura desejada Meggie descançou o pé esquerdo sobre o joelho direito e ficou nessa posição cerca de dois minutos; depois elevou o molde, segurou-o algum tempo no ar e bateu em cima de maneira que todas as pessoas presentes pudessem vel-o e ouvir as pancadas; depois a meu pedido, m'o entregou, e depositou-o em um lugar seguro.

«Meggie tentou em seguida a mesma experiencia com o pé direito mas, depois de tel-o moldado duas ou tres vezes, se levantou, provavelmente após o esgotamento de suas forças, retirou-se para o gabinete e não mais voltou.

«A parafina que tinha adherido a seu pé direito foi em seguida achada sobre o soalho do gabinete.

«Chegou então a vez de Benny. Elle fez um cumprimento geral, e, segundo seu habito, descançou sua grande mão sobre a cabeça de M. Smedley; tomou a cadeira que se lhe dava e collocou-a deante dos baldes, assentou-se e nelles começou a mergulhar o pé esquerdo alternativamente, como o tinha feito Meggie, mas com muito mais agilidade.

«A rapidez de seus movimentos dava-lhe a apparencia de

uma pequena machina a vapor, conforme a comparação de um dos assistentes.

«Afim de dar aos leitores uma idéa exacta das condições favoraveis em que se achavam os espectadores para seguir as operações, direi que durante a moldagem do pé de Benny, M. Smedley estava assentado immediatamente á direita do phantasma, de sorte que este poudes descançar a mão sobre sua cabeça e acariciar-lhe a face.

Eu estava á esquerda de Benny e tão proximo que pude tomar o molde que elle me entregava sem deixar meu lugar; as pessoas que occupavam a primeira fileira de cadeiras estavam distanciadas dos dois baldes cerca de tres pés.

«Todos podiam acompanhar muito bem a operação desde a primeira immersão do pé até a terminação do molde; o phenomeno é para nós um facto tão verdadeiro como a claridade do sol ou a queda da neve..

«Si alguém dentre nós tivesse suspeitado que o medium empregava um artificio subtil qualquer para nos offerecer o molde do seu proprio pé, a suspeita teria desaparecido infallivelmente á vista do molde do pé esquerdo de Benny e que por este me foi entregue logo depois de tel-o tirado, em presença de todos os assistentes.

Eu não pude então rote

exclamação: «Que differença.»

«Quando Benny acabou a moldagem, collocou a cadeira em seu lugar e aproximou-se dos espectadores, apertando-lhes as mãos e conversando com elles.

«De repente elle lembrou-se de que, a seu pedido a porta da gaiola tinha ficado entre-aberta e, querendo nos provar que apesar dessa circumstancia o medium não tinha intervindo em nada na experiencia, encostou a mesa na porta da gaiola depois de a ter fechado, segurou meu braço com as duas mãos, apertou-o com força sobre a mesa, como se quizesse dizer-me que eu não devia deixal-a deslocar-se nem de uma pollegada; em seguida se inclinou para apanhar uma caixa de musica que encontrou á gaiola em uma posição inclinada, com uma aresta apoiada contra a porta da gaiola, a outra repousada no soalho, de sorte que ao se abrir a porta infallivelmente derrubaria a caixa. Nesse meio tempo Benny despediu-se e desappareceu.

«Resta-me assegurar que a mesa não se mexeu, que depois da sessão, a caixa de musica foi achada encostada á gaiola, no mesmo lugar, e que o medium estava dentro della amarrado á cadeira, e em estado de lethargia.

«De tudo o que precede é pre-

ciso concluir que os moldes em parafina foram obtidos em condições tão conclusivas como si a porta da gaiola tivesse sido fechada com parafusos.

«Admittindo mesmo que a experiencia com a gaiola deixasse a desejar, os resultados adquiridos não exigem menos uma explicação.

Em primeiro lugar, um individuo não tem senão um unico pé esquerdo, ao passo que os moldes por nós obtidos pertencem a dois pés esquerdos, dissemelhantes por suas dimensões e conformação: o pé de Benny tinha 9 pollegadas de comprimento e 4 de largura, e o pé de Meggie 8 de comprimento e 2 1/4 de largura. Além disso, o gabinete estava tão cuidadosamente vigiado que nenhum ser humano poderia nelle penetrar sem ser immediatamente descoberto.

«Então, si os moldes em questão não foram tirados dos pés do medium,—o que me parece provado de uma maneira absoluta,—quaes foram pois os pés que serviram de modelo? (*Psychische Studien*, Dezembro de 1878, pags. 545 e 548; *Medium*, 1877, pag. 159).

NOTICIAS

aspecto. **Bezerra de Menezes**

Acaba de ceder a lei fatal que rege a humanidade, o grande e humanitario cidadão Dr. Adolpho Bezerra de Menezes, Presidente da *Federação Spiritista* do Rio de Janeiro.

Não temos competencia para fazermos o necrologio desse eminente espirito que tomou como divisa—*amar ao proximo como a si mesmo*—, porém, sectarios da mesma crença, não podemos deixar de dar o ultimo adeus a esse companheiro que vai ter a prova evidente das doutrinas que pregou e praticou, e, pedimos-lhe que, lá, onde seu illustrado espirito deve passar, nos auxilie a levar ao fim a nossa missão de humildes propagadores da grande doutrina spiritista, e que seja tambem o interprete perante o Todo Poderoso de nossos rogos e sinceras supplicas pelo arrependimento dos infelizes descrentes.

Com o titulo—*A Doutrina* acaba de sahir a luz da publicidade em Curitiba, um novo órgão do spiritismo, que vem defender e propagar tão sublimedéa.

Desejamos-lhe vida longa e prospera na carreira que encetou.

Publicações

Recebemos e agradecemos: os ns. 406 e 407 do *Reformador*; 235, da *Verdade e Luz*; 42, do *Amor, Perdão e Caridade*; 1, da *Doutrina*, 6, da *Caridade*; *Il Vessillo Spiritista*, de Milão; 7, 8, 9, 10, da revista *L'Humanité Integrale*, de Paris; 8, da *Revista de Estudos Psicologicos*, de Barcelona, 18, da *Revista Espirita*, de Porto Alegre; e 13, da *Gazeta de Ubá*.

O QUE É O ESPIRITISMO

POR

Allan Kardec

PRIMEIRA PARTE

2.º Dialogo

O SCEPTICO

(Continuação)

V. — Perfeitamente; eis ahi um sabio raciocinando com sabedoria e prudencia; e, sem ser sabio, eu penso como elle; notae, porém, que elle nada affirma; elle duvida; ora, qual é a base em que se firma a crença na existencia dos Espiritos e, sobre tudo, na sua communicação comnosco?

A. K. — Essa crença se apoia sobre o raciocinio e sobre os factos.

Eu proprio não adoptei-a senão depois de maduro exame.

Tendo contrahido, no estudo das sciencias exactas, o habito das cousas positivas, sondei, perscrutei esta nova sciencia nos seus mais intimos refulhos; busquei explicar-me tudo, porque não costumo accetar idéa alguma, sem conhecer-lhe os como e os porque.

Eis um raciocinio que me fazia um sabio medico, outr'ora incredulo e hoje fervoroso adepto:

« Dizem que seres invisiveis se communicam, porque negal-o?

« Antes de inventar-se o microscopio, suspeitava alguém que existissem esses milhares de animaculos, que causam tantos estragos na economia?

« Onde a impossibilidade material de haver no espaço seres que escapem aos nossos sentidos?

« Teremos, por acaso, a ridicula pretensão de saber tudo, e de dizer a Deus que elle nada mais nos póde ensinar?

« Se esses seres invisiveis que nos rodeiam, são intelligentes, porque não se poderão communicar comnosco?

Se elles estão em relação com os homens, devem desempenhar um papel no seu destino, nos acontecimentos da vida destes.

« Quem sabe se elles não constituem uma das potencias da natureza, uma dessas forças occultas de que nem suspeitavamos.

« Que novo horisonte vae isto abrir o pensamento!

« Que campo tão vasto de observação!

« A descoberta do mundo dos invisiveis tem muito mais alcance que as dos infinitamente pequenos; ella é mais que uma descoberta, é uma revolução nas idéas.

« Quanta luz póde saltar dessa fonte! Quantas cousas mysteriosas irão encontrar n'ella a sua explicação!

« Os crentes são ridicularizados, mas que valor tem isso, quando o mesmo tem se dado a respeito de todas as grandes descobertas?

« Christovam Colombo não foi repellido, sobrecarregado de desgosto, tratado como insensato?

« São idéas tão estranhas, dizem, que não se lhes póde dar credito; mas a isso se póde responder que data de um meio seculo a possibilidade de, em alguns minutos, estabelecer-se uma correspondencia entre dous pontos oppostos do nosso planeta; de, em algumas horas, atravessar-se a França; de, com o fumo produzido com um pouco de agua fervendo, um navio avançar contra o vento; de tirarmos da agua os meios de esclarecer-mos e aquecermo-nos.

« Quem, ha meio seculo, tivesse proposto illuminar toda a cidade de Pariz, em um instante e com um só reservatorio de uma substancia invisivel, só conseguiria fazer rir de si.

« Será, por ventura, uma cousa mais prodigiosa, que o espaço seja povoado de seres pensantes que, depois de haverem vivido na Terra, n'ella deixaram seu envolvero material?

« Não se achará n'este facto a explicação das tantas crenças, que tem dividido os homens desde os mais remotos tempos?

« São cousas que bem merecem um estudo aprofundado.»

Eis reflexões de um sabio, mas de um sabio sem pretensão: ellas são igualmente feitas por muitos outros homens esclarecidos; todos elles viram, não superficialmente e com um animo prevenido; elles estudaram seriamente e sem partido fixo, e tiveram a modestia de não dizer:

Porque eu não comprehendo, isto não póde ser a verdade.

Sua convicção formou-se pela observação e o raciocinio.

Se essas idéas fossem uma chimera, acreditaes que todos esses homens sizudos as tivessem adoptado? Que por tanto tempo elles tenham sido victimas de uma illusão?

Não ha, pois impossibilidade

material em que existam seres invisiveis para nós, povoando o espaço, e esta só consideração devia bastar para exigir mas circumspecção.

Quem, ha bem pouco, poderia pensar que uma só gotta de agua limpida encerrasse milhares de seres, cuja pequenez extrema confunde a nossa imaginação?

Ora, eu digo que ha mais difficuldade em conceber a nossa razão seres de tal tenuidade, providos de todos os nossos orgão e funcionando como nós, do que aquelles a quem damos o nome de Espiritos.

V. — Sem duvida, mas por ser uma cousa possivel, não devemos concluir que exista.

A. K. — E' exacto; mas não podeis deixar de convir que, desde que uma cousa não é impossivel, já ella adiantou, porque a razão não a repelle.

Resta, pois, que a observação dos factos venha nos demonstrar a sua existencia.

Esta observação não é nova: tanto a historia sagrada como a profana provam a antiguidade e a universalidade dessa crença que perpetuou-se, atravez de todas as vicissitudes porque tem passado o mundo, e se mostra, entre os povos os mais selvagens, no estado de idéas innatas e intuitivas, e tão gravadas no pensamento como a do Ente Supremo e da existencia futura.

O Spiritismo, pois, não é uma criação moderna; tudo prova que os antigos o conheciam tão bem ou, talvez melhor que nós; somente, elle não era ensinado, senão com precauções mysteriosas que o tornavam inacessivel ao vulgo, abandonado de proposito no lamaçal da superstição.

Quanto aos factos, elles são de duas naturezas: uns são espontaneos e outros provocados.

Entre os primeiros estão as visões e aparições, tão frequentes; os ruidos, barulhos e perturbações de objectos, sem causa material e aparente, e um grande numero de effectos insolitos, que olhavam como sobrenaturaes e hoje nos parecem simples, porque não admittimos o sobrenatural, pois que tudo no mundo está sujeito ás leis da natureza.

Os factos provocados são os obtidos por intermedio de medium.

(Continúa).

Atelier Miranda



Evitar o phenomeno-
espirita, desviar a atten-
ção a que elle tem direito
é desprezar a verdade.

VICTOR HUGO.

O GUIA

Todo o effeito intel-
ligente tem uma causa
intelligente.

ALLAN KARDEK.

ORGÃO DO ESPIRITISMO EM PERNAMBUCO
PUBLICAÇÃO MENSAL



EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno 48000

Toda a correspondencia deve
ser dirigida á Travessa da Ma-
dre de Deus, n. 7.

Accepta-se qualquer collabo-
ração dentro do nosso program-
ma.

O CÉO

A palavra *céo* emprega-se,
em geral, para designar o espa-
ço indefinido que circunda a
terra, e mais particularmente a
parte que está acima de nosso
horizonte; vem ella do latim
caelum, formada do grego *coilos*,
concauo, porque o céu parece
aos olhos uma immensa conca-
va pae. Os antigos acredita-
vão na existencia de muitos
céos superpostos, compostos de
materia solida transparente, for-
mando esferas concentricas,
tendo a terra por centro. Essas
esferas, volteando ao redor da
terra, arrastavão consigo os as-
tros que se achavão em seu cir-
cuito.

Esta idéa, que procedia da
insufficiencia dos conhecimen-
tos astronomicos, foi a de todas
as theogonias, que fizeram dos
céos, assim coordenados em es-
cala os diversos grãos de bem-
aventurança; o ultimo era a
morada da suprema felicidade.
Segundo a opinião mais com-
mum, havia sete céos: d'ahi pro-
cede a expressão: *Estar no se-
timo céu*, para exprimir felici-
dade perfeita.

Os mulsumanos admittem no-
ve, em cada um dos quaes aug-
menta-se a felicidade dos cren-
tes. O astronomo Ptoloméo
contava onze, denominando o
ultimo empyreo, por causa da
luz brilhante que n'elle reina.
E' este ainda hoje o nome poe-
tico dado ao lugar da gloria
eterna.

A theologia christã reconhe-
ce tres céos: o primeiro é o da
região do ar e das nuvens; o se-
gundo é o espaço onde se mo-
vem os astros; o terceiro, além
da região dos astros, é a morada
do Altissimo e habitação dos
escolhidos que contemplão Deus
em face. E' segundo esta cren-

ça que se diz que S. Paulo foi
alçado ao terceiro céu.

As diversas doutrinas relati-
vas á residencia dos bemaven-
turados repousão todas sobre o
duplo erro que a terra é o centro
do universo, e que a região dos
astros é limitada. E' além d'esse
limite imaginario que todas têm
colocado a residencia afortuna-
da e a morada do Todo Pode-
roso. Singular anomalia essa,
que colloca o Autor de todas as
 cousas, Aquelle que as governa
todas, nos confins da criação,
em vez do centro, d'onde a irra-
dição do seu pensamento podia
estender-se a tudo.

A sciencia, com a inexoravel
logica dos factos e da observa-
ção, levou o seu archote até as
profundezas do espaço, e mos-
trou a nullidade de todas essas
theorias. A terra não é mais o
pião (*pivot*) do universo, porém
um dos menores astros rolando
na immensidade; o sol mesmo
não é mais que o centro de um
turbilhão planetario; as estrel-
las são innumeraveis sóes, em
volta das quaes circulão mun-
dos innumeraveis, separados por
distancias apenas accessiveis ao
pensamento, ainda que nos pa-
reção tocar-se. N'este todo, re-
gido por leis eternas, nas quaes
se revelão a sabedoria e omni-
potencia do Creator, a terra
apenas apparece como um ponto
imperceptivel, e um dos menos
favorecidos para a habitabili-
dade. A' vista d'isto logo se
pergunta porque Deus faria
d'ella a séde unica da vida, e
n'ella degradaria, suas creatu-
ras predilectas? Tudo, pelo
contrario, annuncia que a vida
está em toda parte, que a huma-
nidade é infinita como o uni-
verso.

Revelando-nos a sciencia
mundos semelhantes á terra,
não podia tel-os creado Deus
sem um intuito; deve têl-os po-
voado de sêres capazes de os go-
vernar.

As idéas do homem estão na
razão do que elle sabe; como to-
das as descobertas importantes,
a da constituição dos mundos
deve ter-lhes imprimido outro
curso. Sob a influencia d'estes
conhecimentos novos, as cren-
ças devem ter-se modificado: o
céo foi deslocado; a região das
estrellas, sendo sem limites, não
lhe pôde mais servir. Onde está,
pois, elle? A esta questão todas
as religiões ficão mudas.

O Espiritismo vem resolver a
demonstrando o verdadeiro des-
tino do homem. Tomando-se
por ponto de partida a natureza
d'este ultimo, e os attributos de
Deus, chega-se á conclusão, isto
é, partindo do conhecido chega-
se ao desconhecido por uma de-
docção logica, sem fallar das
observações directas que o Es-
piritismo permite fazer.

O homem é composto do cor-
po e do Espirito; este é o ser
principal, sêr de razão, sêr in-
telligente; o corpo é o involto-
rio material que reveste tempo-
rariamente o Espirito para cum-
primento de sua missão na terra
e execução do trabalho necessa-
rio ao seu adiantamento. O
corpo, uma vez usado, destroe-
se, e o Espirito sobrevive á sua
destruição. Sem o Espirito, o
corpo não passa de uma materia
inerte, como um instrumento
privado do braço que o faz pô-
se em exercicio; sem o corpo, o
Espirito é tudo: a vida e a intel-
ligencia. Elle, deixando o cor-
po, volta para o mundo espiri-
tual, de onde houvera sahido
para incarnar-se.

Ha, pois, o *mundo corporal*,
composto dos Espiritos incar-
nados, e o *mundo espiritual*,
formado dos Espiritos desincar-
nados. Os sêres do mundo cor-
poral, pelo facto mesmo do seu
involtorio material, são fixados
na terra ou em outro qualquer
globo; o povo espiritual, ao con-
trario, está em toda parte, ao
redor de nós e no espaço; nem
um limite lhe é demarcado.

Em razão da natureza fluidica
do seu involtorio, os sêres que o
compõem, em vez de arrastarem-
se difficilmente no solo, transpõem
as distancias com a rapi-
dez do pensamento. A morte
do corpo é a ruptura dos laços
que os retinhão captivos.

Os Espiritos são creados sim-
ples e ignorantes, mas com apti-
dão para tudo adquerir e para
progredir em virtude do seu li-
vre arbitrio. Pelo progresso
elles adquirem novos conheci-
mentos, novas facultades, novas
percepções, e por conseguinte
novos gozos desconhecidos dos
Espiritos inferiores; elles vêm,
ouvem, sentem e comprehendem
o que os Espiritos atrasados não
podem ver, nem ouvir, sentir ou
comprender. *A felicidade está na razão do progresso reali-
zado, de sorte que, de dous Es-
piritos, um pôde não ser tão fe-*

*liz, como o outro, unicamente
porque não se adiantou tanto
intellectualmente e moralmente,
sem que tenham necessidade de
estar cada um em um lugar dis-
tincto.*

Posto que estejam ao lado um
do outro, pôde um estar nas tre-
vas, ao passo que em volta do
outro tudo é resplandescente,
absolutamente como acontece a
um cego e a um vidente que
dão-se as mãos; este tem a per-
cepção da luz, a qual nem uma
impressão causa ao seu vizinho.
*Sendo a felicidade dos Espiri-
tos inherente ás qualidades que
possuem, elles auferem-na em
toda parte onde a encontrão, na
superficie da terra, no meio dos
incarnados ou no espaço.*

Uma comparação vulgar fará
melhor comprehender esta si-
tuaçào. Se em um concerto se
acharem dous homens, um bom
musico de ouvido exercitado, e
outro sem conhecimento da mu-
sica e de pouco delicado ouvido,
o primeiro gozará uma sensação
de felicidade, ao passo que o se-
gundo será insensivel, porque
um comprehende e percebe
aquillo que nenhuma impressão
produz no outro. Assim aconte-
ce a todos os gozos dos Espi-
ritos, estão na razão da aptidão
para resentil-os. *O mundo es-
piritual tem por toda parte es-
plendores, harmonias e sensa-
ções que os Espiritos inferiores,
submettidos ainda á influencia
da materia, nem mesmo pôdem
entrever, e que só são accessiveis
aos Espiritos purificados.*

O progresso, nos Espiritos, é
o fructo de seu proprio traba-
lho; mas, como são livres, traba-
lham para o seu adiantamen-
to com mais ou menos activida-
de ou negligencia, segundo sua
vontade; e assim apressão ou
retardão o seu progresso, e por
consequente sua felicidade. Ao
passo que uns avançào rapida-
mente, outros jazem como pol-
trões por longos seculos nas fi-
leiras inferiores.

São elles, pois, os proprios
autores de sua situaçào, feliz ou
não, segundo suas obras! Todo
Espirito que fica na retaguarda
não pôde queixar-se senão de
si mesmo, do mesmo modo que
aquelle que avança tem todo o
merito d'esse avançamento; por
isso dá mais apreço á felicidade
que conquistou.

A felicidade suprema só pôde
ser partilha dos Espiritos per-

feitos, em outros termos, dos puros Espiritos. Não a conseguem senão depois de haver progredido em intelligencia e em moralidade. O progresso intellectual e o progresso moral raras vezes marchão a par; mas o que o Espirito não faz em um tempo dado, consegue-o em outro, de sorte que os dous progressos acabão por attingir o mesmo nivel. E' a razão por que vê-se muitas vezes homens intelligentes e instruidos muito pouco adiantados moralmente e vice-versa.

A incarnação é necessaria ao duplo progresso moral e intellectual do Espirito: ao progresso intellectual pela actividade que elle é obrigado a desenvolver no trabalho; ao moral pela necessidade que os homens têm uns dos outros. *A vida social é a pedra de toque das boas e más qualidades.* A bondade, a maldade, a doçura, a violencia, a benevolencia, a caridade, o egoismo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má fé, a hypocrisia, em uma palavra, tudo que constitue o homem de bem ou o perverso, tem por movel, por alvo, e por estimulante as relações do homem com seus semelhantes; *para o homem que visse só não haveria nem vicios, nem virtudes; si, pelo isolamento, elle preserva-se do mal também annulla o bem.*

Uma só existencia corporal é manifestamente insufficiente para que o Espirito possa adquirir tudo o que lhe falta no bem, e desfazer-se de tudo que é máo n'elle. O selvagem, por exemplo, poderia jámais em uma só incarnação, attingir o nivel moral e intellectual do mais adiantado Europêo? E' materialmente impossivel. Deverá elle então ficar eternamente na ignorancia e na barbaria, privado das fruições, que só o desenvolvimento das faculdades pôde proporcionar-lhe? O simples bom senso repelle tal hypothese, que seria ao mesmo tempo a negação da bondade e da justiça de Deus, e da lei natural de progresso. E' por isso que Deus, soberanamente bom e justo, concede ao Espirito do homem tantas existencias, quantas forem precisas para tocar á méta, ao alvo, que é a perfeição.

O Espirito traz para cada existencia nova o que elle havia adquirido nas precedentes em aptidões, em conhecimentos intuitivos, em intelligencia e moralidade. Cada existencia é assim um passo avante no caminho do progresso.

A incarnação é inherente á inferioridade dos Espiritos; ella deixa de ser necessaria áquelles que lhe têm transposto o limite e que progridem no estado espirital, ou nas existencias corporeas dos mundos superiores,

as quaes nada tem da materialidade terrestre. Da parte d'estes, ella é voluntaria, com o fim de exercer sobre os incarnados uma acção mais directa para cumprimento da sua missão junto a estes. Então accetão por dedicação, as vicissitudes e sofrimentos da incarnação.

No intervallo das existencias corporeas o Espirito torna a entrar por tempo mais ou menos longo no mundo espirital, onde é feliz ou desgraçado, segundo o bem ou o mal que tenha feito. O estado espirital é o estado normal do Espirito, pois que deve ser seu estado definitivo, e que o corpo espirital não morra; o estado corporal é transitorio e passageiro. E' no estado espirital sobretudo que elle colhe os fructos do progresso effectuado pelo seu trabalho na incarnação; é então também que elle se prepara para novas luctas, e toma as resoluções que ha de se esforçar de pôr em pratica na sua volta á humanidade.

O Espirito progride igualmente na erraticidade; ahi adquire conhecimentos especiaes, que não poderia obter na terra; suas idéas lá se modificão. O estado corporal e o espirital são para elle a fonte de dous generos de progresso solidarios um do outro; eis o motivo pelo qual passa alternativamente por esses dous modos de existencia.

(Continúa.)

(Céo e Inferno.)

A literatura

A liberdade não consiste em fazermos o que nos aprouver; está sim nos cingirmos estritamente ao dever e em não consentirmos que outrem nos afaste delle. Desmandar-se o homem, romper por seus deveres de christão, invadir e apesinhar os direitos alheios, não é ser livre; é deseer na escala animal, é tornar-se um trambolho perigoso na sociedade, é livelar-se aos criminosos.

A literatura vigente está desatando todos os laços que prendiam o homem ao dever. Ella insinua que o homem é um animal, e portanto deve apegar-se a seus instinctos animaes; divulga ser a abnegação uma parvoíce; inculca que os sacrificios a bem de nossos irmãos não vão além de ser privações estultas que nos impomos; que ao homem cabem todos os direitos e sobre as mulheres pesam todos os deveres.

Os pagãos não pré-gavam outra doutrina. Não tinham, porém, a guial-os a «Luz que veiu ao mundo». Eram renovos de troncos corruptos, estavam avizados a rebalçar-se nos lodações, e lá lhes parecia que não lhes iria mal serem devassos como o

seu Jupiter, ferozes como o seu Mater, ladrões como o seu Mercurio ou lascivos como a sua Venus.

Os escriptores de agora não tem a exculpá-os nem o ambiente social, nem os costumes de seus passados, nem as doutrinas que receberam no lar domestico da bocca de seus paes.

São pregociros de immoralidades muito por seu querer; desdenham a vida ultra-terrena para se enganarem e cegarem, a effeito de mais soltamente se entregarem á luxuria; assoallham ser uma parvoíce a abnegação, para não dar nas vistas a sua avareza; reprovam os sacrificios a bem de seus irmãos, no proposito de cuchilarem sornameamente nos postos lucrosos, apachorrentarem-se nas sinecuras, e esquecerem-se de que o homem deve servir os cargos que occupa e não, na phrase pereuciente do Padre Vieira, mentir, furtar e repartir.

A doutrina espirita ha de chamar os homens ao cumprimento de seus deveres, por asperos e penosos que sejam. Mostrando-lhes que nossos actos, palavras e pensamentos estão patentes áquelles que amamos, e que nos esperão no além vida, os homens cautelosos no pensar, no falar e no proceder; e em vez de offerrecer a seus irmãos livros que os mettam pelo caminho escorregadio da animalidade, hão de dar-lhes uma literatura que os leve á comprehensão do altissimo destino para que foram caeados.

PAULO VERO.

(A Verdade e Luz)

FACTOS ESPIRITAS

Formas de Espirito

Em uma carta que escrevi a esse jornal no começo de Fevereiro ultimo, fallei dos phenomenos de formas de espiritos que se tinham manifestado pela mediumidade de Mlle. Cook, e dizia: «Que aquelles que se inclinam a julgar duramente Mlle. Cook suspendam seu juizo até que eu apresente uma prova certa que, acredito, será sufficiente para resolver a questão.»

«Presentemente Mlle. Cook se consagra exclusivamente á uma serie de sessões particulares ás quaes não assistem senão um ou dois de meus amigos e eu... vi o sufficiente para me convencer plenamente da sinceridade e da honestidade perfeitadas de Mlle. Cook, e para me dar todo logar de crêr que as promessas que Katie me fez tão livremente serão cumpridas.»

Nessa carta descrevi um incidente que em minha opinião,

era muito proprio para me convencer de que Katie e Mlle. Cook eram dois seres materiaes distinctos. Quando Katie estava fóra do gabinete, em pé, deante de mim ouvi um gemido vindo de Mlle. Cook que se achava no gabinete. Considero-me feliz por dizer que obtive «a prova absoluta» de que fallei na carta supra mencionada.

Por enquanto não me referirei a maior parte das provas que Katie me deu nas innumeradas occasiões em que Mlle. Cook me favoreceu com sessões em minha casa, e não descreverei senão uma ou duas della que tiveram logar recentemente. Desde algum tempo eu fazia experiencias com uma lampada phosphorescente, que consistia em uma garrafa de 6 ou 8 onças contendo um pouco de oleo phosphorado, e que estava solidamente arrolhada. Eu tinha razões para esperar que, á luz dessa lampada, alguns dos mysteriosos phenomenos do gabinete podessem se tornar visiveis, e Katie também esperava obter o mesmo resultado.

A 12 de Março, durante uma sessão em minha casa, e depois de Katie ter andado entre nós, e de ter fallado durante algum tempo, retirou-se para traz da cortina que separava meu laboratorio, onde os assistentes estavam assentados, de minha bibliotheca que, temporariamente servia de gabinete. No fim de um momento, ella tornou a vir a cortina e me chamou dizendo: «entre no quarto e levante a cabeça do meu medium: ella escorregou para o chão.» Katie estava então em pé diante de mim, trajada com um vestido branco habitual e trazia seu turbante.

Immediatamente me dirigi a bibliotheca para levantar Mlle. Cook, e Katie deu alguns passos de lado para me deixar passar. Com effeito Mlle. Cook tinha escorregado em parte de cima da poltrona, e sua cabeça pendia em posição muito penosa. Tornei a pol-a na poltrona, e fazendo isso, tive, apesar da escuridão, a viva satisfação de verificar que Mlle. Cook não estava trajada com o vestuario de Katie mas que trazia sua vestimenta ordinaria de velludo preto, e se achava em uma profunda lethargia. Não havia decorrido mais de 3 segundos entre o momento em que vi Katie de vestido branco deante de mim, e o em que colloquei Mlle. Cook sobre a poltrona tirando-a da posição em que se achava.

Voltando ao meu posto de observação, Katie appareceu de novo e disse que pensava poder-se mostrar a mim ao mesmo tempo que seu medium. Abaixou-se o gaz e ella pediu-me a minha lampada phosphorescente. Depois de ter-se mostrado á sua claridade durante

alguns segundos, m'a restituiu dizendo: "Agora entre e venha ver meu medium." Segui-a de perto á minha bibliotheca e á claridade de minha lampada vi Mlle. Cook estendida sobre a poltrona exactamente como eu ali a tinha deixado; olhei em torno de mim para ver Katie mas ella tinha desaparecido. Chamei-a, mas não recebi resposta. Voltei ao meu logar; Katie tornou a apparecer logo, e me disse que todo tempo tinha estado em pé perto de Mlle. Cook; e perguntou então se ella propria não poderia ensaiar uma experiencia, e tomando de minhas mãos a lampada phosphorescente, passou para traz da cortina pedindo-me que não olhasse para o gabinete.

No fim de alguns minutos, me restituiu a lampada dizendo que não tinha podido sair-se bem, que havia esgotado todo o fluido do medium, mas que tornaria a experimentar em outra occasião. Meu filho mais velho um rapaz de 14 annos, que estava assentado em frente a mim em uma posição tal que podia vêr o que se passava por traz da cortina, me disse que tinha visto distinctamente a lampada phosphorescente parecendo fluctuar no espaço em cima de Mlle. Cook, e illuminando durante o tempo em que ella estava escondida sem movimento na poltrona, mas que não tinha podido vêr ninguem segurar na lampada.

Passo agora a sessão que teve logar hontem a noite em Hackney. Jamais Katie appareceu com uma tão grande perfeição; durante perto de duas horas ella passeiou no quarto, conversando familiarmente com os que estavam presentes. Varias vezes tomou meu braço, andando, e a imprensa resentida por meu espirito era de uma mulher viva que se achava á meu lado, e não um visitante do outro mundo; essa impressão digo, foi tão forte, que a tentação de repetir uma nova e curiosa experiencia tornou-se quasi irresistivel.

Pensando pois, que não tinha um espirito perto de mim, mas sim uma senhora, pedi-lhe permissão de tomal-a nos meus braços, para poder verificar as interessantes observações que um experimentador ousado fizesse recentemente conhecer de uma maneira tão summaria. Essa permissão foi-me graciosamente dada, e por consequencia, utilizei-me d'ella convenientemente como todo homem bem educado o teria feito nessas circumstancias. M. Volekman ficará satisfeito ao saber que posso corroborar sua asserção que o "phantasma" (que, afinal, não fez nenhuma resistencia) era um ser tão material como a propria Mlle Cook. Mas a continuação mostrará quanto

um experimentador erra por mais cuidado que possa ter em suas observações, em aventurar-se a formular uma importante conclusão quando as provas não existem em quantidade sufficiente.

Katie disse então que essa vez julgava-se capaz de se mostrar ao mesmo tempo que Mlle. Cook. Abaixei o gaz e em seguida, com minha lampada phosphorescente penetrei no quarto que servia de gabinete.

Mas eu tinha pedido previamente a um dos meus amigos, que é habil stenographo, para uotar toda observação que eu podesse fazer em quanto estivesse no gabinete, porque eu conhecia a importancia que se liga as primeiras impressões, e não queria confiar á minha memoria mais do que fosse necessario: suas notas acham-se neste momento perante mim.

Entrei no quarto com precaução: estava escuro, e foi pelo tacto que procurei Mlle. Cook; encontrei-a de cócaras no sua-lho.

Ajoelhei-me, deixei o ar entrar em minha lampada, e á sua claridade, vi esta moça vestida de velludo preto, como se achava no começo da sessão e tendo toda a apparencia de estar completamente insensivel. Não moveu-se quando eu tomei sua mão e conservei a lampada muito perto de seu rosto, mas continuou a respirar tranquilamente.

Elevando a lampada, olhei em torno de mim, e vi Katie que se achava em pé muito perto de Mlle. Cook e por traz della. Katie estava vestida com uma roupa branca fluctuante como já a tinhamos visto durante a sessão. Segurando uma das mãos de Mlle. Cook na minha, e me ajoelhando ainda, e abaixei a lampada, tanto para alumiar a figura inteira de Katie como para plenamente me convencer de que eu via bem realmente a verdadeira Katie que tinha apertado nos meus braços alguns minutos antes, e não o phantasma de um cerebro doente. Ella não fallou, mas remecheu com a cabeça em signal de reconhecimento. Tres vezes examinei cuidadosamente Mlle. Cook de cócaras deante de mim, para ter certeza de que a mão que eu segurava era a de uma mulher viva, e tres vezes voltei minha lampada para Katie afim de a examinar com uma segura attenção até que eu não tivesse mais a menor duvida de que ella estava deante de mim. Por fim Mlle Cook fez um ligeiro movimento e immediatamente Katie fez signal para ir-me embora. Retirei-me para uma outra parte do gabinete e deixei então de ver Katie, mas só abandonei o quarto depois que Mlle. Cook se acordou e dois

dos assistentes entraram com a luz.

Antes de terminar este artigo, desejo fazer conhecer algumas differenças que observei entre Mlle. Cook e Katie. O porte de Katie era variavel: em minha casa a vi maior de 6 pollegadas do que Mlle. Cook. Hontem á noite, tendo os pés descalços e não se apoiando na ponta dos pés, ella era maior 4 pollegadas e meia do que Mlle. Cook e tinha o pescoço descoberto; a pelle era perfeita e macia ao tacto e á vista, emquanto que Mlle. Cook tem no pescoço uma cicatriz que, em circumstancias semelhantes, se vê distinctamente e é aspera ao tacto. As orelhas de Katie não são furadas, emquanto que as de Mlle Cook trazem ordinariamente brincos. A cor de Katie é muito branca, emquanto que a de Mlle. Cook é muito morena. Os dedos de Katie são muito mais compridos do que os de Mlle. Cook, e seu rosto é tambem maior. Nas formas e maneiras de se exprimir ha tambem differenças a-signaladas.

A saude de Mlle. Cook não é assaz boa para lhe permittir dar, antes de algumas semanas, outras sessões experimentaes como essas, e em consequencia d'isso insistimos fortemente para que ella tomasse um repouso completo antes de recommear a campanha de experiencias de que por causa della dei uma exposição summaria, e, em um tempo proximo, espero que poderei fazer conhecer os resultados.

Solicitude!!!

(DICTADO POR T. GAUTIER A M^{re} C. B....)

— Pó les dar-mo o teu nome e dizer-mo on le moras?

Baluzian lo elle fez o que lhe fôra pedido. Depois, poz-se a tremere como se tivesse commettido uma acção má.

«Vae dizer ao teu Pedrinho — disse a moça — que Natal não ha de esquecer-se delle; e, em quanto não lhe dá mais leva-lhe tu este boneco tão sonhado.»

E com um modo donairoso estendeu o prezioso embrulho ao desesperado pae. Este enzonzou-se um instante, arrebatou depois o boneco das mãos da moça e, tremendo-o ao peito como si fosse um thesouro, fugiu correndo.

Na mansarda, dorme o Pedrinho; a mãe, ajoelhada á beira delle, reza e chora. Nova angustia junta-se ás passadas angustias: o seu homem não reapareceu desde a manha.

Por on le andaria? Que teria feito? Meu Deus!... ter-

lhe-ia o desespero aconselhado alguma acção má? Si se tivesse matado... si não voltasse mais... que seria do Pedrinho?... Nestes entremeio resoam passos na escada carunchosa, abre-se a porta, e a pobre mãe cae nos braços do marido:

«Meu João, bem hajas!

—Aqui estou; olha, olha esta teteia; é para elle, é o boneco do pequeno!

«Mas, que tens? meio envergonhado!... Que fizeste?

Como gesto rapido elle desfaz o embrulho, e á palida luz de uma lamparina brilha o brinquedo.

—Vê quanto o nosso Pedrinho vae ficar satisfeito; e tu, estás alegre?

Ella, porém, grave e severa:

» Não tens dinheiro... como apanhaste isso, João?

—Para que saes com essas palavras, mulher? Acaso me julgas um larapio? Não, cara mulher, nem mesmo por Pedrinho eu commetteria tão feio crime! Ha algumas almas generosas, e uma dellas deu-me este mimo para nosso pobre filho.

Que alegre vae elle estar!

E de vagar depõe na camilha o roscó boneco.

Horas além, uma pancada na porta os sobresaltou.

«Entre! — disseram juntos.

Abriu-se a porta e por ella entrou uma mulher envolta em manto amplo. Com graciosó meneio repelle o capuz que lhe cobria a cabeça, e João reconhece logo a mulher que havia pouco se apiedara delle.

«Aqui me tens, sou o Natal — disse sorrindo — o Pedrinho ficou contente com o mimo?

— Está dormindo — disse a mãe voltando-se para o doente.

Pedrinho tinha, porém os olhos bem abertos, e o olhar ia-lhe do boneco á moça.

— Esta é Natal mamão; eu bem sabia que elle havia de vir.

A moça approxinou-se do menino, e beijou-o na testa.

«Tiveste confiança, Pedrinho, e Deus te recompensará; elle nunca desampara os que nelle esperam.

Depois voltada para João e sua mulher, disse-lhes:

«Sempre vos lembre, em vossas mais cruéis angustias, que Deus está perto de vós e vos ampara quando o implorais.

Nunca murmurais nas afflicções; a ceite e corajosamente as provações da vida, são para vós uma necessidade; por ellas se depura vossa alma e ir-se-á deslaçando da materia. Vossa vida é eterna e não se limita a estes poucos dias que ides passando na terra; já exististes antes, e talvez commettistes em vidas antecedentes muitas faltas de que esta vossa vida, tecida de miseria e dores, é a justa punição. Aceitae-a, pois, com coragem, e curvae-vos sob a mão

de Deus, que castiga sómente porque ama. Não o accuseis do mal, vós sois os culpados, vós sois que preparaes vosso futuro bom ou mau, venturoso ou desgraçado.

« Tendo saído de Deus, nossa alma ha de voltar para elle, depois de haver subido por todos os degraus da perfeição; de existencia em existencia ella ascende; va-se depurando e progredindo, e a morte não passa de ser um momento de repouso que lhe é dado para se reasumir e medir o caminho percorrido e o que lhe resta percorrer antes de chegar ao termo.

« Deus nos poz no coração um desejo de felicidade que não póde ser satisfeito na terra; levanta, pois, os olhos aquellas regiões de paz, aonde haveis de ir um dia e, seja qual fôr a condição que Deus vos deparou, bemdizei-o e submettei-vos á sua vontade. Elle uniu vossos dois destinos afim de que o vosso Pedrinho tenha protectores e guias que o preparem para as luctas da vida: dae-lhe exemplos de coragem e sacrificio, ensinae-lhe o amor de Deus; fazei-lhe comprehender que a vida é uma provação querida por Deus, afim de que sua alma se purifique. Ide avante direitos e firmes sob o estandarte do Christo, que veiu a vós para vos mostrár o caminho da verdadeira felicidade. Tomara eu que este anniversario do nascimento de Jesus seja para vós o dia de vosso nascimento para uma vida mais resignada e para as novas idéas que vos vim ensinar.

A' maneira que falava ia-se transfigurando a moça; o rosto tornara-se brilhante como o sol, e suas vestes brancas como a neve.

— Mas, dizei-nos: quem sois? — balbucion João fóra de si.

« Sou um enviado de Deus, sou vosso protector e guia o anjo da guarda de vosso lar. Venho do mundo invisivel e para lá volto, tendo acabado a missão que Deus me confiara.

E lentamente a visão se foi esvaccendo. Na mansarda remanesceu uma luz radiosa, e no coração de João e de sua mulher poisaram a coragem e energia e a confiança em Deus.

THEOPH. GAUTHIER.
(*Le Spiritisme Moderne*)

O QUE É O ESPIRITISMO

Allan Kardec
PRIMEIRA PARTE
2.º Dialogo
O SCEPTO

FALSAS EXPLICAÇÕES DOS
PHENOMENOS
(Continuação)

V.—E' contra os phenomenos provocados que principalmente a critica se levanta.

Ponhamos de lado toda supposição de charlatanismo, e admittamos a mais completa boa-fé: não será possível que os mediums sejam o ludibrio de uma allucinação?

A. K.—Ignoro que já claramente se tenha explicado o mecanismo da allucinação.

Como querem definil-a ella não deixa de ser um effeito muito singular e assaz digno de estudo.

E' pena, porém, que aquelles que por ella pretendem dar contra os phenomenos spiritalis, não possam antes explicar a sua explicação.

Ha, além disso, factos que escapam a essa hypothese: quando uma mesa ou outro objecto se move, se ergue, bate; quando ella, á vontade, passeia por uma camara, sem que alguma pessoa lhe toque; sem ponto algum de apoio; enfim, quando ella, ao cahir, se desepdaça; tudo isso não póde ser o effeito de uma allucinação.

Suppondo que o medium, por um producto de sua imaginação, creia ver o que não existe, será admissivel que todos os presentes sejam, ao mesmo tempo, victimas da mesma vertigem; quando o mesmo facto se reproduz por toda a parte, em todos os paizes?

A ser assim, essa allucinação era um maior prodigio que o proprio facto.

V.—Admittindo a realidade do phenomeno das mesas que giram e fallam, não será mais racional attribuil-o á acção de um fluido qualquer, do magnetismo, por exemplo?

A. K.—Tal foi o primeiro pensamento, e eu o tive como outros muitos.

Se tudo se limitasse a esses effeitos materiaes, não ha duvida que poderiam ser explicados; porém quando esses movimentos e esses golpes nos deram provas de intelligencia; quando se reconheceu que elles respondiam ao pensamento com inteira liberdade, foi-se conduzindo a tirar a seguinte conclusão:

« Se todo effeito tem uma causa, o effeito intelligente presuppõe uma causa intelligente. »

Poderão taes phenomenos ser produzidos por um fluido, a menos que se creia esse fluido dotado de intelligencia?

Quando vedes os braços do telegrapho fazer signaes transmittindo o pensamento, bem comprehendéis que esses braços de ferro ou de madeira não são intelligentes, mas que é uma intelligencia quem os faz mover.

Dá-se o mesmo com as mesas a que nos referimos.

Dão-se, sim ou não, effeitos intelligentes.

Esta é a questão.

Os que contestam são pessoas que nada viram ainda, e se apressam de concluir, segundo suas idéas particulares e baseados, quando muito, em uma observação superficial.

V.—Póde-se responder que, se ha um effeito intelligente, este póde ser um reflexo da intelligencia, seja do medium, seja de quem interroga, seja mesmo dos assistentes; porque, dizem, a resposta recebida estava sempre no pensamento de alguém.

A. K.—E' ainda um erro, filho da falta de observação.

Se os que assim pensam, se tivessem dado ao trabalho de estudar o phenomeno em todas as suas phases, não deixariam de reconhecer, a cada passo, a independencia absoluta da intelligencia que se manifesta.

Como conciliar essa these com as respostas obtidas, tão fóra do alcance intellectual e da instrucção do medium? respostas que vão de encontro a suas idéas, seus desejos, suas opiniões, ou que derrotam completamente as previsões dos assistentes? quando os mediums escrevem em uma lingua que elles não conhecem, ou na sua propria, quando não sabem ler nem escrever? A' primeira vista, esta opinião nada tem de irracional, convenho, mais ella é desmentida por uma tal massa de factos e tão concludentes, que a duvida a respeito não é mais possível. Além disso, mesmo admittindo-se essa theoria, o phenomeno, longe de ser simplificado seria muito mais prodigioso.

Pois que! O pensamento se poderá reflectir sobre uma superficie, como a luz, o som, o calorico?

Em verdade, havia n'isto um motivo para exercer a sagacidade da sciencia.

E depois ainda o maravilhoso seria maior, porque, achando-se presentes vinte pessoas, é o pensamento desta ou d'aquella que é reflectido, e não o desta outra ou d'aquella outra? Tal systema é insustentavel.

E' realmente curioso ver-se os contradictores empenharem-se na busca de causas, com vezes mais extraordinarias e de difficil comprehensão do que aquelles que lhes são.

V.—Não será admissivel, segundo querem alguns, que o medium se ache em um estado de crise e goze de uma lucidez, que lhe dá a percepção somnambulica, uma sorte de dupla vista; o que nos póde explicar a extensão momentanea de suas facultades intellectuaes; porque, dizem, as communicações obtidas pelos mediums não vão além do alcance das que nos dão os somnambulos?

A. K.—E' ainda um desses

systemas que não resistem a um exame aprofundado.

O medium nem se acha em crise nem dorme, mas está perfeitamente despertado, obrando pensando como os outros, sem na lo apresentar de extraordinario.

Certos effeitos particulares deram lugar a essa supposição; todos aquelles, porem, que não se limitam a julgar as cousas pela vista de uma só face, reconhecerão sem difficuldade que o medium é dotado de uma facultade particular, que não permite confundil-o com um somnambulo, e a independencia des eu pensamento é demonstrada por factos de maior evidencia.

Abstrahindo das communicações escriptas, qual é o somnambulo que fez alguma vez sahir um pensamento de um corpo inerte? qual delles poude produzir appareções visiveis e, mesmo, tangiveis? qual fazer que um corpo pesado se mantivesse suspenso no ar, sem um ponto de apoio?

Será por effeito somnambulico que um medium desenhou, um dia, em minha casa e na presença de vinte testemunhas, o retrato de uma jovem, morta havia dezoito mezes e a quem elle não tinha conhecido, retrato reconhecido pelo proprio pai da jovem, presente erão á sessão?

Será por um effeito do mesmo genero que uma mesa responde com precisão ás questões propostas, mesmo feitas mentalmente? Certamente, se admittirmos que o medium se ache em um estado magnetico, me parece difficil erer que a mesa seja somnambula.

Dizem ainda que os mediums só fallam com clareza d'aquillo que é conhecido.

Como explicar o facto seguinte e cem outros da mesma especie?—Um dos meus amigos, muito bom medium escrevente, perguntou a um Espirito se uma pessoa, que elle tinha perdido de vista, havia quinze annos, era ainda deste mundo.

« Sim, ella ainda vive, lhe foi respondido; mora em Pariz, tal rua, tal numero. »

Elle foi e encontrou a pessoa no lugar indicado.

Seria isso uma illusão?

Seu pensamento poderia suggerir-lhe tal resposta, quando por causa da idade da pessoa por quem elle perguntava, havia toda a probabilidade della não existir mais?

Se, em certos casos, tem-se visto as respostas combinar com o pensamento do que pergunta, será racional concluir-se que isso seja uma lei geral?

(Continúa.)

Atelier Miranda



Evitar o phenomeno-
espirita, desviar a atten-
ção a que elle tem direito
é desprezar a verdade.

VICTOR HUGO.

O GUIA

Todo o effeito Intel-
ligente tem uma causa
intelligente.

ALLAN KARDEK.

ORGÃO DO ESPIRITISMO EM PERNAMBUCO
PUBLICAÇÃO MENSAL



EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno 48000

Toda a correspondencia deve
ser dirigida á Travessa da Ma-
dre de Deus, n. 7.

Accepta-se qualquer collabo-
ração dentro do nosso program-
ma.

O CÉO

A palavra *céo* emprega-se,
em geral, para designar o espa-
ço indefinido que circunda a
terra, e mais particularmente a
parte que está acima de nosso
horizonte; vem ella do latim
coelum, formada do grego *coilos*,
concavo, porque o *céo* parece
aos olhos uma immensa concav-
idade. Os antigos acreditava-
vam na existencia de muitos
céos superpostos, compostos de
materia solida transparente, for-
mando espheras concentricas,
tendo a terra por centro. Essas
espheras, volteando ao redor da
terra, arrastavam consigo os as-
tros que se achavam em seu cir-
cuito.

Esta idéa, que procedia da
insufficiencia dos conhecimen-
tos astronomicos, foi a de todas
as theogonias, que fizeram dos
céos, assim coordenados em es-
cala os diversos grãos de bem-
aventurança; o ultimo era a
morada da suprema felicidade.
Segundo a opinião mais com-
mum, havia sete céos: d'ahi pro-
cede a expressão: *Estar no se-
timo céu*, para exprimir felici-
dade perfeita.

Os mulsumanos admittem no-
ve, em cada um dos quaes aug-
menta-se a felicidade dos cren-
tes. O astronomo Ptolomêo
contava onze, denominando o
ultimo empyreo, por causa da
luz brilhante que n'elle reina.
E' este ainda hoje o nome poe-
tico dado ao lugar da gloria
eterna.

A theologia christã reconhe-
ce tres céos: o primeiro é o da
região do ar e das nuvens; o se-
gundo é o espaço onde se mo-
vem os astros; o terceiro, além
da região dos astros, é a morada
do Altissimo e habitação dos
escolhidos que contemplão Deus
em face. E' segundo esta cren-

ça que se diz que S. Paulo foi
alçado ao terceiro céu.

As diversas doutrinas relati-
vas á residencia dos bemaven-
turados repousão todas sobre o
duplo erro que a terra é o centro
do universo, e que a região dos
astros é limitada. E' além d'esse
limite imaginario que todas têm
collocado a residencia afortuna-
da e a morada do Todo Pode-
roso. Singular anomalia essa,
que colloca o Autor de todas as
cozas, Aquelle que as governa
todas, nos confins da criação,
em vez do centro, d'onde a irra-
dição do seu pensamento podia
estender-se a tudo.

A sciencia, com a inexoravel
logica dos factos e da observa-
ção, levou o seu archote até as
profundezas do espaço, e mos-
trou a nullidade de todas essas
theorias. A terra não é mais o
pião (*pivot*) do universo, porém
um dos menores astros rolando
na immensidade; o sol mesmo
não é mais que o centro de um
turbilhão planetario; as estrel-
las são innumeraveis sóes, em
volta das quaes circulão mun-
dos innumeraveis, separados por
distancias apenas accessiveis ao
pensamento, ainda que nos pa-
reção tocar-se. N'este todo, re-
gido por leis eternas, nas quaes
se revelão a sabedoria e omni-
potencia do Creador, a terra
apenas apparece como um ponto
imperceptivel, e um dos menos
favorecidos para a habitabili-
dade. A' vista d'isto logo se
pergunta porque Deus faria
d'ella a sede unica da vida, e
n'ella degradaria, suas creatu-
ras predilectas? Tudo, pelo
contrario, annuncia que a vida
está em toda parte, que a huma-
nidade é infinita como o uni-
verso.

Revelando-nos a sciencia
mundos semelhantes á terra,
não podia tel-os creado Deus
sem um intuito; deve tél-os po-
voado de seres capazes de os go-
vernar.

As idéas do homem estão na
razão do que elle sabe; como to-
das as descobertas importantes,
a da constituição dos mundos
deve ter-lhes imprimido outro
curso. Sob a influencia d'estes
conhecimentos novos, as cren-
ças devem ter-se modificado: o
céo foi deslocado; a região das
estrellas, sendo sem limites, não
lhe pôde mais servir. Onde está,
pois, elle? A esta questão todas
as religiões ficão mudas.

O Espiritismo vem resolver a
demonstrando o verdadeiro des-
tino do homem. Tomando-se
por ponto de partida a natureza
d'este ultimo, e os attributos de
Deus, chega-se á conclusão, isto
é, partindo do conhecido chega-
se ao desconhecido por uma de-
ducção logica, sem fallar das
observações directas que o Es-
piritismo permite fazer.

O homem é composto do cor-
po e do Espirito; este é o ser
principal, sêr de razão, sêr in-
telligente; o corpo é o involto-
rio material que reveste tempo-
rariamente o Espirito para cum-
primento de sua missão na terra
e execução do trabalho necessa-
rio ao seu adiantamento. O
corpo, uma vez usado, destroe-
se, e o Espirito sobrevive á sua
destruição. Sem o Espirito, o
corpo não passa de uma materia
inerte, como um instrumento
privado do braço que o faz pôr-
se em exercicio; sem o corpo, o
Espirito é tudo: a vida e a intel-
ligencia. Elle, deixando o cor-
po, volta para o mundo espiri-
tual, de onde houvera sahido
para incarnar-se.

Ha, pois, o *mundo corporal*,
composto dos Espiritos encar-
nados, e o *mundo espiritual*,
formado dos Espiritos desincar-
nados. Os seres do mundo cor-
poral, pelo facto mesmo do seu
involtorio material, são fixados
na terra ou em outro qualquer
globo; o povo espiritual, ao con-
trario, está em toda parte, ao
redor de nós e no espaço; nem
um limite lhe é demarcado.

Em razão da natureza fluidica
do seu involtorio, os seres que o
compõem, em vez de arrastarem-
se difficilmente no solo, trans-
põem as distancias com a rapi-
dez do pensamento. A morte
do corpo é a ruptura dos laços
que os retinão captivos.

Os Espiritos são creados sim-
ples e ignorantes, mas com apti-
dão para tudo adquerir e para
progredir em virtude do seu li-
vre arbitrio. Pelo progresso
elles adquirem novos conheci-
mentos, novas faculdades, novas
percepções, e por conseguinte
novos gozos desconhecidos dos
Espiritos inferiores; elles vêm,
ouvem, sentem e comprehendem
o que os Espiritos atrazados não
podem ver, nem ouvir, sentir ou
comprender. *A felicidade está
na razão do progresso realiza-
do, de sorte que, de dous Es-
piritos, um pôde não ser tão fe-*

*liz, como o outro, unicamente
porque não se adiantou tanto
intellectualmente e moralmente,
sem que tenham necessidade de
estar cada um em um lugar dis-
tincto.*

Posto que estejam ao lado um
do outro, pôde um estar nas tre-
vas, ao passo que em volta do
outro tudo é resplandescete,
absolutamente como acontece a
um cego e a um vidente que
dão-se as mãos; este tem a per-
cepção da luz, a qual nem uma
impressão causa ao seu vizinho.
*Sendo a felicidade dos Espiri-
tos inherente ás qualidades que
possuem, elles auferem-n'a em
toda parte onde a encontrão, na
superficie da terra, no meio dos
incarnados ou no espaço.*

Uma comparação vulgar fará
melhor comprehender esta si-
tuaçào. Se em um concerto se
acharem dous homens, um bom
masico de ouvido exercitado, e
outro sem conhecimento da mu-
sica e de pouco delicado ouvido,
o primeiro gozará uma sensação
de felicidade, ao passo que o se-
gundo será insensivel, porque
um comprehende e percebe
aquillo que nenhuma impressão
produz no outro. Assim aconte-
ce a todos os gozos dos Espi-
ritos, estão na razão da aptidão
para resentil-os. *O mundo es-
piritual tem por toda parte es-
plendores, harmonias e sensa-
ções que os Espiritos inferiores,
submettidos ainda á influencia
da materia, nem mesmo pôdem
entrever, e que só são accessiveis
aos Espiritos purificados.*

O progresso, nos Espiritos, é
o fructo do seu proprio traba-
lho; mas, como são livres, traba-
lham para o seu adiantamen-
to com mais ou menos activida-
de ou negligencia, segundo sua
vontade; e assim apressão ou
retardão o seu progresso, e por
conseguinte sua felicidade. Ao
passo que uns avançào rapida-
mente, outros jazem como pol-
trões por longos seculos nas fi-
leiras inferiores.

São elles, pois, os proprios
autores de sua situaçào, feliz ou
não, segundo suas obras! Todo
Espirito que fica na retaguarda
não pôde queixar-se senão de
si mesmo, do mesmo modo que
aquelle que avança tem todo o
merito d'esse avançaçào; por
isso dá mais apreço á felicidade
que conquistou.

A felicidade suprema só pôde
ser partilha dos Espiritos per-

feitos, em outros termos, dos puros Espiritos. Não a conseguem senão depois de haver progredido em intelligencia e em moralidade. O progresso intellectual e o progresso moral raras vezes marchão a par; mas o que o Espirito não faz em um tempo dado, consegue-o em outro, de sorte que os dous progressos acabão por attingir o mesmo nivel. E' a razão por que vê-se muitas vezes homens intelligentes e instruidos muito pouco adiantados moralmente e vice-versa.

A incarnação é necessaria ao duplo progresso moral e intellectual do Espirito: ao progresso intellectual pela actividade que elle é obrigado a desenvolver no trabalho; ao moral pela necessidade que os homens têm uns dos outros. *A vida social é a pedra de toque das boas e más qualidades.* A bondade, a maldade, a doçura, a violencia, a benevolencia, a caridade, o egoismo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má fé, a hypocrisia, em uma palavra, tudo que constitue o homem de bem ou o perverso, tem por movel, por alvo, e por estimulante as relações do homem com seus semelhantes; *para o homem que vivesse só não haveria nem vícios, nem virtudes; si, pelo isolamento, elle preserva-se do mal também annulla o bem.*

Uma só existencia corporal é manifestamente insufficiente para que o Espirito possa adquirir tudo o que lhe falta no bem, e desfazer-se de tudo que é máo n'elle. O selvagem, por exemplo, poderia jámais em uma só incarnação, attingir o nivel moral e intellectual do mais adiantado Europêo? E' materialmente impossivel. Deverá elle então ficar eternamente na ignorancia e na barbaria, privado das fruições, que só o desenvolvimento das faculdades pôde proporcionar-lhe? O simples bom senso repelle tal hypothese, que seria ao mesmo tempo a negação da bondade e da justiça de Deus, e da lei natural de progresso. E' por isso que Deus, soberanamente bom e justo, concede ao Espirito do homem tantas existencias, quantas forem precisas para tocar á méta, ao alvo, que é a perfeição.

O Espirito traz para cada existencia nova o que elle havia adquirido nas precedentes em aptidões, em conhecimentos intuitivos, em intelligencia e moralidade. Cada existencia é assim um passo avante no caminho do progresso.

A incarnação é inherente á inferioridade dos Espiritos; ella deixa de ser necessaria áquelles que lhe têm transposto o limite e que progridem no estado espirital, ou nas existencias corporeas dos mundos superiores,

as quaes nada tem da materialidade terrestre. Da parte d'estes, ella é voluntaria, com o fim de exercer sobre os incarnados uma acção mais directa para cumprimento da sua missão junto a estes. Então accetão por dedicação, as vicissitudes e sofrimentos da incarnação.

No intervallo das existencias corporeas o Espirito torna a entrar por tempo mais ou menos longo no mundo espirital, onde é feliz ou desgraçado, segundo o bem ou o mal que tenha feito. O estado espirital é o estado normal do Espirito, pois que deve ser seu estado definitivo, e que o corpo espirital não morra; o estado corporal é transitorio e passageiro. E' no estado espirital sobretudo que elle colhe os fructos do progresso effectuado pelo seu trabalho na incarnação; é então também que elle se prepara para novas luctas, e toma as resoluções que ha de se esforçar de pôr em pratica na sua volta á humanidade.

O Espirito progride igualmente na erraticidade; ahi adquire conhecimentos especiaes, que não poderia obter na terra; suas idéas lá se modificão. O estado corporal e o espirital são para elle a fonte de dous generos de progresso solidarios um do outro; eis o motivo pelo qual passa alternativamente por esses dous modos de existencia.

(Continúa.)

(Céo e Inferno.)

A literatura

A liberdade não consiste em fazermos o que nos aprouver; está sim nos cingirmos estritamente ao dever e em não consentirmos que outrem nos afaste d'elle. Desmandar-se o homem, romper por seus deveres de christão, invadir e apesinhar os direitos alheios, não é ser livre; é descer na escala animal, é tornar-se um trambolho perigoso na sociedade, é nivelar-se aos criminosos.

A literatura vigente está desatando todos os laços que prendiam o homem ao dever. Ella insinua que o homem é um animal, e portanto deve apegar-se a seus instinctos animaes; divulga ser a abnegação uma parvoíce; inculca que os sacrificios a bem de nossos irmãos não vão além de ser privações estultas que nos impomos; que ao homem cabem todos os direitos e sobre as mulheres pesam todos os deveres.

Os pagãos não prégavam outra doutrina. Não tinham, porém, a guial-os a « Luz que veio ao mundo ». Eram renvos de troncos corruptos, estavam avezados a rebalçar-se nos lodaças, e lá lhes parecia que não lhes iria mal serem devassos como o

seu Jupiter, ferozes como o seu Mater, ladrões como o seu Mercurio ou lascivos como a sua Venus.

Os escriptores de agora não teem a exculpa-os nem o ambiente social, nem os costumes de seus passados, nem as doutrinas que receberam no lar domestico da bocca de seus paes.

São progociros de immoralidades muito por seu querer; desdenham a vida ultra-terrena para se enganarem e cogarem, a effeito de mais soltamente se entregarem á luxuria; assoallham ser uma parvoíce a abnegação, para não dar nas vistas a sua avareza; reprovam os sacrificios a bem de seus irmãos, no proposito de cuchilarem sornamente nos postos lucrosos, apachorrentarem-se nas sinecuras, e esquecerem-se de que o homem deve servir os cargos que occupa e não, na phrase pereuciente do Padre Vieira, mentir, furtar e repartir.

A doutrina espirita ha de chamar os homens ao cumprimento de seus deveres, por asperos e penosos que sejam. Mostrando-lhes que nossos actos, palavras e pensamentos estão patentes áquelles que amamos, e que nos esperão no além vida, os homens cautelosos no pensar, no falar e no proceder; e em vez de offerecer a seus irmãos livros que os mettam pelo caminho escorregadio da animalidade, hão de dar-lhes uma literatura que os eleve á comprehensão do altissimo destino para que foram caeados.

PAULO VERO.

(A Verdade e Luz)

FACTOS ESCRITAS

Formas de Espirito

Em uma carta que escrevi a esse jornal no começo de Fevereiro ultimo, fallei dos phenomenos de formas de espiritos que se tinham manifestado pela mediumidade de Mlle. Cook, e dizia: "Que aquelles que se inclinam a julgar duramente Mlle. Cook suspendam seu juizo até que eu apresente uma prova certa que, acredito, será sufficiente para resolver a questão."

"Presentemente Mlle. Cook se consagra exclusivamente á uma serie de sessões particulares ás quaes não assistem senão um ou dois de meus amigos e eu... vi o sufficiente para me convencer plenamente da sinceridade e da honestidade perfectas de Mlle. Cook, e para me dar todo logar de crêr que as promessas que Katie me fez tão livremente serão cumpridas."

Nessa carta descrevi um incidente que em minha opinião,

era muito proprio para me convencer de que Katie e Mlle. Cook eram dois seres materiaes distinctos. Quando Katie estava fóra do gabinete, em pé, deante de mim ouvi um gemido vindo de Mlle. Cook que se achava no gabinete. Considero-me feliz por dizer que obtive "a prova absoluta" de que fellei na carta supra mencionada.

Por enquanto não me referirei a maior parte das provas que Katie me deu nas innumeradas occasiões em que Mlle. Cook me favoreceu com sessões em minha casa, e não descreverei senão uma ou duas della que tiveram logar recentemente. Desde algum tempo eu fazia experiencias com uma lampada phosphorescente, que consistia em uma garrafa de 6 ou 8 onças contendo um pouco de oleo phosphorado, e que estava solidamente arrollhada. Eu tinha rasões para esperar que, á luz dessa lampada, alguns dos mysteriosos phenomenos do gabinete podessem se tornar visiveis, e Katie também esperava obter o mesmo resultado.

A 12 de Março, durante uma sessão em minha casa, e depois de Katie ter andado entre nós, e de ter fallado durante algum tempo, retirou-se para traz da cortinã que separava meu laboratorio, onde os assistentes estavam assentados, de minha bi-

bliotheca que, temporariamente servia de gabinete. No fim de um momento, ella tornou a vir a cortina e me chamou dizendo: "entre no quarto e levante a cabeça do meu medium: ella escorregou para o chão." Katie estava então em pé diante de mim, trajada com um vestido branco habitual e trazia seu turbante.

Immediatamente me dirigi a bibliotheca para levantar Mlle. Cook, e Katie deu alguns passos de lado para me deixar passar. Com effeito Mlle. Cook tinha escorregado em parte de cima da poltrona, e sua cabeça pendia em posição muito penosa. Tornei a pol-a na poltrona, e fazendo isso, tive, apesar da escuridão, a viva satisfação de verificar que Mlle. Cook não estava trajada com o vestuario de Katie mas que trazia sua vestimenta ordinaria de velludo preto, e se achava em uma profunda lethargia. Não havia decorrido mais de 3 segundos entre o momento em que vi Katie de vestido branco deante de mim, e o em que colloquei Mlle. Cook sobre a poltrona tirando-a da posição em que se achava.

Voltando ao meu posto de observação, Katie appareceu de novo e disse que pensava poder-se mostrar a mim ao mesmo tempo que seu medium. Abaixou-se o gaz e ella pediu-me a minha lampada phosphorescente. Depois de ter-se mostrado á sua claridade durante

alguns segundos, m'a restituiu dizendo: "Agora entre e venha ver meu medium." Segui-a de perto á minha bibliotheca e á claridade de minha lampada vi Mlle. Cook estendida sobre a poltrona exactamente como eu ali a tinha deixado; olhei em torno de mim para ver Katie mas ella tinha desaparecido. Chamei-a, mas não recebi resposta. Voltei ao meu lugar; Katie tornou a apparecer logo, e me disse que todo tempo tinha estado em pé perto de Mlle. Cook; e perguntou então se ella propria não poderia ensaiar uma experiencia, e tomando de minhas mãos a lampada phosphorescente, passou para traz da cortina pedindo-me que não olhasse para o gabinete.

No fim de alguns minutos, me restituiu a lampada dizendo que não tinha podido sahir-se bem, que havia esgotado todo o fluido do medium, mas que tornaria a experimentar em outra occasião. Meu filho mais velho um rapaz de 14 annos, que estava assentado em frente a mim em uma posição tal que podia vêr o que se passava por traz da cortina, me disse que tinha visto distinctamente a lampada phosphorescente parecendo fluctuar no espaço em cima de Mlle. Cook, e illuminando durante o tempo em que ella estava escondida sem movimento na poltrona, mas que não tinha podido vêr ninguem segurar na lampada.

Passo agora a sessão que teve lugar hontem a noite em Hackney. Jamais Katie appareceu com uma tão grande perfeição; durante perto de duas horas ella passeiou no quarto, conversando familiarmente com os que estavam presentes. Varias vezes tomou meu braço, andando, e a imprensa resentida por meu espirito era de uma mulher viva que se achava á meu lado, e não um visitante do outro mundo; essa impressão digo, foi tão forte, que a tentação de repetir uma nova e curiosa experiencia tornou-se quasi irresistivel.

Pensando pois, que não tinha um espirito perto de mim, mas sim uma senhora, pedi-lhe permissão de tomal-a nos meus braços, para poder verificar as interessantes observações que um experimentador ousado fizesera recentemente conhecer de uma maneira tão summaria. Essa permissão foi-me graciosamente dada, e por consequencia, utilizei-me d'ella -- convenientemente como todo homem bem educado o teria feito nessas circumstancias. M. Volckman ficará satisfeito ao saber que posso corroborar sua asserção que o "phantasma" (que, afinal, não fez nenhuma resistencia) era um ser tão material como a propria Mlle Cook. Mas a continuação mostrará quanto

um experimentador erra por mais cuidado que possa ter em suas observações, em aventurar-se a formular uma importante conclusão quando as provas não existem em quantidade sufficiente.

Katie disse então que essa vez julgava-se capaz de se mostrar ao mesmo tempo que Mlle. Cook. Abaixei o gaz e em seguida, com minha lampada phosphorescente penetrei no quarto que servia de gabinete.

Mas eu tinha pedido previamente a um dos meus amigos, que é habil stenographo, para uotar toda observação que eu pudesse fazer em quanto estivesse no gabinete, porque eu conhecia a importancia que se liga as primeiras impressões, e não queria confiar á minha memoria mais do que fosse necessario: suas notas acham-se neste momento perante mim.

Entrei no quarto com precaução: estava escuro, e foi pelo tacto que procurei Mlle. Cook; encontrei-a de cócaras no seu-lho.

Ajoelhei-me, deixei o ar entrar em minha lampada, e á sua claridade, vi esta moça vestida de velludo preto, como se achava no começo da sessão e tendo toda a apparencia de estar completamente insensivel. Não moveu-se quando eu tomei sua mão e conservei a lampada

muito perto de seu rosto, mas continuou a respirar tranquilamente.

Elevando a lampada, olhei em torno de mim, e vi Katie que se achava em pé muito perto de Mlle. Cook e por traz della. Katie estava vestida com uma roupa branca fluctuante como já a tinhamos visto durante a sessão. Segurando uma das mãos de Mlle. Cook na minha, e me ajoelhando ainda, e abaixei a lampada, tanto para alumiar a figura inteira de Katie como para plenamente me convencer de que eu via bem realmente a verdadeira Katie que tinha apertado nos meus braços alguns minutos antes, e não o phantasma de um cerebro doente. Ella não fallou, mas remecheu com a cabeça em signal de reconhecimento. Tres vezes examinei cuidadosamente Mlle. Cook de cócaras deante de mim, para ter certeza de que a mão que eu segurava era a de uma mulher viva, e tres vezes voltei minha lampada para Katie afim de a examinar com uma segura attenção até que eu não tivesse mais a menor duvida de que ella estava deante de mim.

Por fim Mlle Cook fez um ligeiro movimento e immediatamente Katie fez signal para ir-me embora. Retirei-me para uma outra parte do gabinete e deixei então de ver Katie, mas só abandonei o quarto depois que Mlle. Cook se acordou e dois

dos assistentes entraram com a luz.

Antes de terminar este artigo, desejo fazer conhecer algumas differenças que observei entre Mlle. Cook e Katie. O parte de Katie era variavel: em minha casa a vi maior de 6 pollegadas do que Mlle. Cook. Hontem á noite, tendo os pés descalços e não se apoiando na ponta dos pés, ella era maior 4 pollegadas e meia do que Mlle. Cook e tinha o pescoço descoberto; a pelle era perfeita e macia ao tacto e á vista, emquanto que Mlle. Cook tem no pescoço uma cicatriz que, em circumstancias semelhantes, se vê distinctamente e é aspera ao tacto. As orelhas de Katie não são furadas, emquanto que as de Mlle Cook trazem ordinariamente brincos. A cor de Katie é muito branca, emquanto que a de Mlle. Cook é muito morena. Os dedos de Katie são muito mais compridos do que os de Mlle. Cook, e seu rosto é tambem maior. Nas formas e maneiras de se exprimir ha tambem differenças assignaladas.

A saude de Mlle. Cook não é assaz boa para lhe permittir dar, antes de algumas semanas, outras sessões experimentaes como essas, e em consequencia d'isso insistimos fortemente para que ella tomasse um repouso completo antes de recommear a campanha de experiencias de que por causa della dei uma exposição summaria, e, em um tempo proximo, espero que poderei fazer conhecer os resultados.

Solicitude!!!

(DICTADO POR T. GAUTIER A M^{me} C. B....)

— Pó les dar-me o teu nome e dizer-me on le moras?

Balbuçian lo elle fez o que lhe fóra pedido. Depois, poz-se a tremere como se tivesse commettido uma acção má.

« Vae dizerao teu Pedrinho — disse a moça — ju Natal não ha de esquecer-se delle; e, em quanto não lhe dá mais leva-lhe tu este boneco tão sonhado. »

E com um modo donairoso estendeu o precioso embrulho ao desventurado pae. Este enzonhou-se um instante, arrebatou depois o boneco das mãos da moça e, tremendo-o ao peito como si fosse um thesouro, fugiu correndo.

Na mansarda, dorme o Pedrinho; a mãe, ajoelhada á beira delle, reza e chora. Nova angustia junta-se ás passadas angustias: o seu homem não appareceu desde a manhan.

Por on le andaria? Que teria feito? Meu Deus!... ter-

lhe-ia o desespero aconselhado alguma acção má? Si se tivesse matado... si não voltasse mais... que seria do Pedrinho?... Nestes entremeio resoam passos na escada carunchosa, abre-se a porta, e a pobre mãe cae nos braços do marido:

« Meu João, bem hajas!

— Aqui estou; olha, olha esta teteia; é para elle, é o boneco do pequeno!

« Mas, que tens? meio envergonhado!... Que fizeste?

Como gesto rapido elle desfaz o embrulho, e á palida luz de uma lamparina brilha o brinquedo.

— Vê quanto o nosso Pedrinho vae ficar satisfeito; e tu, estás alegre?

Ella, porém, grave e severa:

» Não tens dinheiro... como apanhaste isso, João?

Para que saes com essas palavras, mulher? Acaso me julgas um larapio? Não, cara mulher, nem mesmo por Pedrinho eu commetteria tão feio crime! Ha algumas almas generosas, e uma dellas deu-me este mimo para nosso pobre filho.

Que alegre vae elle estar!

E de vagar depõe na camilha o roscó boneco.

Horas além, uma pancada na porta os sobresaltou.

« Entre! — disseram juntos.

Abriu-se a porta e por ella entrou uma mulher envolta em manto amplo. Com graciosó meneio repelle o capuz que lhe cobria a cabeça, e João reconhece logo a mulher que havia pouco se apiedara delle.

« Aqui me tens, sou o Natal — disse sorrindo — o Pedrinho ficou contente com o mimo?

— Está dormindo — disse a mãe voltando-se para o doente.

Pedrinho tinha, porém os olhos bem abertos, e o olhar ia-lhe do boneco á moça.

— Esta é Natal mamão; eu bem sabia que elle havia de vir.

A moça approximou-se do menino, e beijou-o na testa.

« Tiveste confiança, Pedrinho, e Deus te recompensará; elle nunca desampará os que nelle esperam.

Depois voltada para João e sua mulher, disse-lhes:

« Sempre vos lembra, em vossas mais cruéis angustias, que Deus está perto de vós, e vos ampara quando o imploraes.

Nunca murmureis nas afflições; aceitae corajosamente as provações da vida, são para vós uma necessidade; por ellas se depura vossa alma e ir-se-á deslaçando da materia. Vossa vida é eterna e não se limita a estes poucos dias que ides passando na terra; já exististes antes, e talvez commettistes em vidas antecedentes muitas faltas de que esta vossa vida, teida de miseria e dores, é a justa punição. Aceitae-a, pois, com coragem, e curvae-vos sob a mão

ciso concluir que os moldes em parafina foram obtidos em condições tão conclusivas como si a porta da gaiola tivesse sido fechada com parafusos.

«Admittindo mesmo que a experiencia com a gaiola deixasse a desejar, os resultados adquiridos não exigem menos uma explicação.

Em primeiro lugar, um individuo não tem senão um unico pé esquerdo, ao passo que os moldes por nós obtidos pertencem a dois pés esquerdos, dissemelhantes por suas dimensões e conformação: o pé de Benny tinha 9 pollegadas de comprimento e 4 de largura, e o pé de Meggie 8 de comprimento e 2 1/4 de largura. Além disso, o gabinete estava tão cuidadosamente vigiado que nenhum ser humano poderia nelle penetrar sem ser immediatamente descoberto.

«Então, si os moldes em questão não foram tirados dos pés do medium,—o que me parece provado de uma maneira absoluta,—quaes foram pois os pés que serviram de modelo? (*Psychische Studien*, Dezembro de 1878, pags. 545 e 548; *Medium*, 1877, pag. 159).

NOTICIAS

aspecto. **Bezerra de Menezes**

Acaba de ceder a lei fatal que rege a humanidade, o grande e humanitario cidadão Dr. Adolpho Bezerra de Menezes, Presidente da *Federação Spiritista* do Rio de Janeiro.

Não temos competencia para fazermos o necrologio desse eminente espirito que tomou como divisa—*amar ao proximo como a si mesmo*—, porém, sectarios da mesma crença, não podemos deixar de dar o ultimo adeus a esse companheiro que vai ter a prova evidente das doutrinas que pregou e praticou, e, pedimos-lhe que, lá, onde seu illustrado espirito deve passar, nos auxilie a levar ao fim a nossa missão de humildes propagadores da grande doutrina spiritista, e que seja tambem o interpetre perante o Todo Poderoso de nossos rogos e sinceras supplicas pelo arrependimento dos infelizes descrentes.

Com o titulo—*A Doutrina* acaba de sahir a luz da publicidade em Curitiba, um novo orgão do espiritismo, que vem defender e propagar tão sublime idéa.

Desejamos-lhe vida longa e prospera na carreira que escolheu.

Publicações

Recebemos e agradecemos: os ns. 406 e 407 do *Reformador*; 235, da *Verdade e Luz*; 42, do *Amor, Perdão e Caridade*; 1, da *Doutrina*, 6, da *Caridade*; *Il Vessillo Spiritista*, de Milão; 7, 8, 9, 10, da revista *L'Humanité Integrale*, de Paris; 8, da *Revista de Estudos Psicologicos*, de Barcelona, 18, da *Revista Espirita*, de Porto Alegre; e 13, da *Gazeta de Ubá*.

O QUE É O ESPIRITISMO

POR

Allan Kardec

PRIMEIRA PARTE

2.º Dialoga

O SCEPTICO

(Continuação)

V. — Perfeitamente; eis ahi um sabio raciocinando com sabedoria e prudencia; e, sem ser sabio, eu penso como elle; notae, porém, que elle nada affirma; elle duvida; ora, qual é a base em que se firma a crença na existencia dos Espiritos e, sobre tudo, na sua communicação conosco?

A. K. — Essa crença se apoia sobre o raciocinio e sobre os factos.

Eu proprio não adoptei-a senão depois de maduro exame.

Tendo contrahido, no estudo das sciencias exactas, o habito das cousas positivas, sondei, perscrutei esta nova sciencia nos seus mais intimos refolhos; busquei explicar-me tudo, porque não costumo accetar idéa alguma, sem conhecer-lhe os como e os porque.

Eis um raciocinio que me fazia um sabio medico, outr'ora incredulo e hoje fervoroso adepto:

« Dizem que seres invisiveis se communicam, porque negal-o?

« Antes de inventar-se o microscopio, suspeitava alguém que existissem esses milhares de animaculos, que causam tantos estragos na economia?

« Onde a impossibilidade material de haver no espaço seres que escapem aos nossos sentidos?

« Teremos, por acaso, a ridicula pretensão de saber tudo, e de dizer a Deus que elle nada mais nos póde ensinar?

« Se esses seres invisiveis que nos rodeiam, são intelligentes, porque não se poderão commu- nicar conosco?

Se elles estão em relação com os homens, devem desempenhar um papel no seu destino, nos acontecimentos da vida destes.

« Quem sabe se elles não constituem uma das potencias da natureza, uma dessas forças occultas de que nem suspeitavamos.

« Que novo horisonte vac isto abrir o pensamento!

« Que campo tão vasto de observação!

« A descoberta do mundo dos invisiveis tem muito mais alcance que as dos infinitamente pequenos; ella é mais que uma descoberta, é uma revolução nas idéas.

« Quanta luz póde saltar dessa fonte! Quantas cousas mysteriosas irão encontrar n'ella a sua explicação!

« Os crentes são ridicularizados, mas que valor tem isso, quando o mesmo tem se dado a respeito de todas as grandes descobertas?

« Christovam Colombo não foi repellido, sobrecarregado de desgosto, tratado como insensato?

« São idéas tão estranhas, dizem, que não se lhes póde dar credito; mas a isso se póde responder que data de um meio seculo a possibilidade de, em alguns minutos, estabelecer-se uma correspondencia entre dous pontos oppostos do nosso planeta; de, em algumas horas, atravessar-se a França; de, com o fumo produzido com um pouco de agua fervendo, um navio avançar contra o vento; de tirarmos da agua os meios de esclarecer-mos e aquecermo-nos.

« Quem, ha meio seculo, tivesse proposto illuminar toda a cidade de Pariz, em um instante e com um só reservatorio de uma substancia invisivel, só conseguiria fazer rir de si.

« Será, por ventura, uma cousa mais prodigiosa, que o espaço seja povoado de seres pensantes que, depois de haverem vivido na Terra, n'ella deixaram seu envolvero material?

« Não se achará n'este facto a explicação das tantas crenças, que tem dividido os homens desde os mais remotos tempos?

« São cousas que bem merecem um estudo aprofundado.»

Eis reflexões de um sabio, mas de um sabio sem pretensão: ellas são igualmente feitas por muitos outros homens esclarecidos; todos elles viram, não superficialmente e com um animo prevenido; elles estudaram seriamente e sem partido fixo, e tiveram a modestia de não dizer:

Porque eu não comprehendo, isto não póde ser a verdade.

Sua convicção formou-se pela observação e o raciocinio.

Se essas idéas fossem uma chimera, acreditaes que todos esses homens sizudos as tivessem adoptado? Que por tanto tempo elles tenham sido victimas de uma illusão?

Não ha, pois impossibilidade

material em que existam seres invisiveis para nós, povoando o espaço, e esta só consideração devia bastar para exigir mas circumspecção.

Quem, ha bem pouco, poderia pensar que uma só gotta de agua limpida encerrasse milhares de seres, cuja pequenez extrema confunde a nossa imaginação?

Ora, eu digo que ha mais difficuldade em conceber a nossa razão seres de tal tenuidade, providos de todos os nossos orgão e funcionando como nós, do que aquelles a quem damos o nome de Espiritos.

V. — Sem duvida, mas por ser uma cousa possivel, não devemos concluir que exista.

A. K. — E' exacto; mas não podeis deixar de convir que, desde que uma cousa não é impossivel, já ella adiantou, porque a razão não a repelle.

Resta, pois, que a observação dos factos venha nos demonstrar a sua existencia.

Esta observação não é nova: tanto a historia sagrada como a profana provam a antiguidade e a universalidade dessa crença que perpetuou-se, atravez de todas as vicissitudes porque tem passado o mundo, e se mostra, entre os povos os mais selvagens, no estado de idéas innatas e intuitivas, e tão gravadas no pensamento como a do Ente Supremo e da existencia futura.

O Spiritismo, pois, não é uma criação moderna; tudo prova que os antigos o conheciam tão bem ou, talvez melhor que nós; somente, elle não era ensinado, senão com precauções mysteriosas que o tornavam inacessivel ao vulgo, abandonado de proposito no lamaçal da superstição.

Quanto aos factos, elles são de duas naturezas: uns são espontaneos e outros provocados.

Entre os primeiros estão as visões e aparições, tão frequentes; os ruidos, barulhos e perturbações de objectos, sem causa material e apparente, e um grande numero de effeitos insolitos, que olhavam como sobrenaturaes e hoje nos parecem simples, porque não admittimos o sobrenatural, pois que tudo no mundo está sujeito ás leis da natureza.

Os factos provocados são os obtidos por intermedio de medium.

(Continúa).

Atelier Miranda

Bibliotheca Publica
Rio Janeiro

Evitar o phenomeno-
espirita, desviar a atten-
ção a que elle tem direito
é desprezar a verdade.

VICTOR HUGO.

O GUIA

Todo o effeito intel-
ligente tem uma causa
intelligente.

ALLAN KARDEK.



ORGAO DO ESPIRITISMO EM PERNAMBUCO
PUBLICAÇÃO MENSAL

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno 48000

Toda a correspondencia deve
ser dirigida á Travessa da Ma-
dre de Deus, n. 7.

Acceita-se qualquer collabo-
ração dentro do nosso program-
ma.

O Gé

(Conclusão)

A incarnação pode ter lugar
na terra ou em outros mundos.
Entre os mundos ha uns mais
adiantados que outros, nos
quaes a existencia se passa em
condições menos penosas que na
terra, physica e moralmente; po-
rém onde não são admittidos
senão Espiritos chegados a um
gráo de perfeição, que esteja em
relação com o estado desses
mundos.

A vida nos mundos superio-
res é já uma recompensa, por-
que lá está-se insento dos ma-
les e vicissitudes de que somos
presa n'este mundo. Os corpos,
menos materiaes, quasi fluidi-
cos não são lá sujeitos nem ás
molestias e enfermidades, nem
ás mesmas necessidades. Sen-
do d'alli excluidos os máos Es-
piritos, os homens vivem em
paz, sem outro cuidado mais
que o de seu avançamento pelo
trabalho da intelligencia. Lá
reinão a verdadeira fraterni-
dade, porque não ha egoismo;
a verdadeira igualdade, porque
não ha orgulho; a verdadeira
liberdade, porque não ha desor-
dens a reprimir, nem ambicio-
sos que procurem oprimir os
fracos. Comparados com a ter-
ra são esses mundos verdadei-
ros paraísos, são as estações da
jornada no progresso, que con-
duz ao estado definitivo.

Sendo a terra um mundo in-
ferior, destinado á purificação
dos Espiritos imperfeitos, é a
razão porque n'ella predomina
o mal, até que seja da vontade
de Deus fazel-a morada de Es-
piritos mais adiantados.

E' assim que o Espirito, pro-
gredindo gradualmente á medi-
da que se desenvolve, chega ao
apogeu da felicidade; mas an-

tes de ter attingido o ponto cul-
minante da perfeição, goza de
uma felicidade sempre relativa
ao seu adiantamento. Tal o
menino que goza dos prazeres
da primeira idade, mais tarde
os da mocidade, e finalmente
os mais solidos da idade ma-
dura.

A felicidade dos Espiritos be-
maventurados não consiste na
ociosidade contemplativa, que
seria, como já muitas vezes se
tem dito, uma eterna e fastidio-
sa inutilidade. A vida espiri-
tual, em todos os degrãos, é
pelo contrario uma constante
actividade, mas actividade isen-
ta de fadigas.

A suprema facilidade consis-
te na fruição de todos os esplen-
dores da criação, que nenhuma
linguagem humana poderia tra-
duzir, que a mais fecunda ima-
ginação não poderia conceber;
no conhecimento e penetração
de todas as cousas: na ausencia
de todo soffrer physico e moral;
em uma satisfação intima, uma
serenidade d'alma que nada al-
tera; no amor puro que une to-
dos os seres em razão da ausen-
cia de qualquer attrito pelo con-
tacto dos máos; e, acima de tu-
do, na vista de Deus, e na com-
preensão de seus mysterios re-
velados aos mais dignos. Ella
consiste tambem nas funções
de que se é feliz por ser encar-
regado.

Os puros Espiritos são os Mes-
sias, ou mensageiros de Deus,
para transmissão e execução de
suas vontades; elles desempe-
nhão as grandes missões, presi-
dem á formação dos mundos e
a harmonia geral do universo,
tarefa e cargo glorioso, ao qual
se não chega senão pela perfei-
ção. Os da ordem mais eleva-
da são unicos que têm os segre-
dos de Deus, inspirando-se no
seu pensamento, de que são os
representantes directos.

As attribuições dos espiritos
são proporcionaes ao seu adian-
tamento, ás luzes que possuem, as
suas capacidades, experiencia e
gráo de confiança que inspirão
ao soberano Mestre. Ahi não
ha privilegios, nem favores, que
não sejam o premio do merito:
tudo é pesado na balança da jus-
tiça restricta. As mais impor-
tantes missões só são confiadas
áquelles, que Deus sabe que são
proprios para as cumpril-as, e
incapazes de fallir n'ellas ou
de as comprometter. Enquanto

os mais dignos compõem o con-
sêlho supremo, debaixo das
vistas de Deus, á chefes superio-
res é entregue a direção dos
turbilhões planetarios; a outros
é conferida a de mundos espe-
ciaes. Vêem depois, na ordem
do adiantamento e da subordi-
nação hierarchica, as attribui-
ções mais limitadas d'aquelles
que são propostos á marcha
dos povos, á protecção das fami-
lias e dos individuos, ao im-
pulso de cada ramo do progres-
so, ás diversas operações da
natureza até os mais intimos de-
talhes da criação. N'esse vas-
to e harmonioso todo ha occu-
pações para todas as capacida-
des, aptidões e boas vontades,
occupações acceitas com alegria,
solicitadas com ardor, porque
são um meio de adiantamento
para os Espiritos que aspirão
elevar-se.

Ao lado das grandes missões
confiadas aos Espiritos superio-
res, ha as outras de todos os
grãos de importancia, concedi-
das aos Espiritos de todas as
ordens; d'isto procede que ca-
da incarnado tem a sua, isto é,
deveres a cumprir, para o bem
de seus semellantes, desde o pai
de familia a que incumbe o cui-
dado de fazer progredir seus
filhos até ao homem de genio
que lança na sociedade novos
germens de progresso. E' n'es-
sas missões secundarias que se
encontra ás vezes descoroço-
amentos, prevaricações, abando-
nos, mas que só fazem mal ao
individuo e não ao todo.

Todas as intelligencias con-
correm, pois, para a obra geral,
qualquer que seja o gráo que
tenha attingido, e cada uma na
medida de suas forças; umas
no estado de incarnação, ou-
tras no estados de Espiritos.
Por toda parte a actividade,
desde a base até o apice da es-
cala, instruindo-se todos, coad-
juvando-se, prestando-se apoio
mutuo, dando-se as mãos para
alcançarem o cume.

Assim se estabelece a solida-
riedade entre o mundo espiri-
tual e o corporal, em outros ter-
mos, entre os Espiritos e os
homens, entre os Espiritos li-
vres e os Espiritos captivos. As-
sim perpetuão-se e consolidão-
se, pela purificação e continui-
dade das relações, as sympathyas
verdadeiras, as affeições
santas.

Por toda parte, pois, a vida

e o movimento; nenhum canto
no infinito que não seja povoa-
do; nenhuma região que não
seja incessantemente percorri-
da por innumeraveis legiões de
seres radiantes, invisiveis para
os sentidos grosseiros dos incar-
nados mas cuja vista enche de
admiração e de alegrias as ar-
mas desprendidas da materia.

Em toda parte, enfim, ha
uma felicidade relativa para to-
dos os progressos, para todos os
deverescumpridos; cada um traz
em si os elementos da sua felici-
dade, em razão da categoria
em que e colloca seu gráo de
avançamento.

A felicidade depende das
qualidades proprias dos indivi-
duos, e não do estado material
do meio em que se achão; ella
está, pois, em toda parte em
que ha Espiritos capazes de se-
rem felizes; lugar nenhum cir-
cumscripto lhe é demarcado
no universo. Os puros Espiritos,
em qualquer lugar que estejam
podem contemplar a magestade
Divina, porque Deus está em to-
da parte.

Entretanto a felicidade não
é pessoal; si em si proprio so-
mente se a auferisse, si não se
podesse repartil-a com outros,
ella serie egoista e triste; tam-
bem ella se acha na communhão
de pensamentos que une os se-
res sympathicos. Os Espiritos
felizes, attrahidos uns para os
outros pela semelhança das
idéas, dos gostos e sentimentos,
formão vastos grupos ou fami-
lias homogeneas, em cujo seio
cada individualidade irradia
suas qualidades proprias, e sa-
tura-se dos effluvios serenos
e bemfazejos que emanão do
todo, cujos membros ora se dis-
persão para trabalhar na sua
missão, ora se reúnem em um
ponto qualquer do espaço para
communicarem-se os resultados
de seus trabalhos, ora se agru-
pão junto a um Espirito de or-
dem mais elevada para recebe-
rem seus avisos e suas instruc-
ções.

Bem que os Espiritos estejam
por toda parte, são os mundos
os centros onde se reúnem de
preferencia, em razão da ana-
logia que ha entre elles e os ha-
bitantes dos globos. Em volta
dos mundos adiantados abun-
dão Espiritos superiores, e os
inferiores pullulão em derredor
dos mundos atrazados. Cada
globo tem, pois de certa manei-

ra, sua população propria de Espiritos incarnados e desincarnados, população que se alimenta em geral pela incarnação e desincarnação dos mesmos Espiritos. Esta população é mais estavel nos mundos inferiores onde os Espiritos são mais adheros á materia, e mais fluctuante nos mundos superiores. Mas d'esses mundos, focos de luz e felicidade, Espiritos se destacão para mundos inferiores, afin de ali semear os germens do progresso, levar para ali a consolação e a esperança, erguer as coragens abatidas pelas provações da vida, e as vezes incarnão-se n'esses mundos para com mais efficacia cumprirem sua missão.

Onde, pois, está o céo n'essa immensidade sem limites? Está em toda parte; nenhum cerco lhe serve de limites; os mundos felizes são as ultimas estações que conduzem a elle; as virtudes abrem o seu caminho e os vícios vedão o accesso a elle.

A par d'este quadro grandioso, que povoa todos os cantos do universo, que dá á todos os objectos da criação um fim e uma razão de sêr, quanto é pequena e mesquinha a doutrina que circumscreve a humanidade sobre um imperceptivel ponto de espaço, que nol-a apresenta, começando em um instante dado, para acabar igualmente um dia com o mundo que a conduz, não abraçando assim mais que um minuto na eternidade! Quanto é ella triste, pia e glacial, quando nos mostra o rosto do universo, antes, durante e depois da humanidade terrestre, sem vida, sem movimento, como um immenso deserto submerso no silencio! Como é desesperadora, pela pintura que faz do pequeno numero dos escolhidos votados a contemtação perpetua, ao mesmo tempo que a maioria das creaturas é condemnada á soffrimentos sem fim!

Como ella fere de dor os corações amantes, pela barreira que põe entre os mortos e os vivos! As almas felizes, diz essa doutrina, não pensão senão na sua felicidade; as desgraçadas, na sua dôr. Que admira então que o egoismo reine na terra, quando nol-o mostra no céo! Quanto é então mesquinha a idéa, que ella dá da grandeza, do poder e da bondade de Deus!

Quanto é sublime, pelo contrario, o que d'Elle nos dá o Espiritismo! Quanto sua doutrina engrandecerão as idéas e amplia o pensamento!

Mas quem diz que ella é verdadeira? A razão primeiro, depois a revelação, depois ainda sua concordancia com o progresso da sciencia. Entre duas doutrinas, das quaes uma ames-

quinha e a outra engrandece os attributos de Deus; das quaes uma está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso; das quaes uma deixa-se ficar na retaguarda e a outra marcha ávante, o bom senso diz de que lado está a verdade. Em presença das duas, cada um interroga suas aspirações, em seu fóro interior, e uma voz intima lhe responderá. As aspirações são a voz de Deus, que não pode enganar os homens.

Mas então porque Deus não lhe revelou, desde o principio, toda a verdade? Pela mesma razão pela qual não se ensina á infancia o que se ensina á idade madura. A revelação limitada era sufficiente durante certo periodo da humanidade: Deus o proporeciona ás forças do Espirito. Aquelles que recebem hoje uma revelação mais completa são os mesmos Espiritos que já receberam uma igual em outros tempos, mas que desde então engranlerão em intelligencia.

Antes de ter, a sciencia revelada aos homens as forças vivas da natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel da terra e sua formação, terião elles comprehendido a immensidade do espaço, a pluralidade dos mundos? Antes de ter a geographia provado a formação da terra, terião os homens podido desalojar o inferno do seio d'ella e comprehender o sentido allegorico dos seis dias da criação?

Antes de ter a astronomia descoberto as leis que regem o universo, poderião os homens comprehender que não ha nem alto, nem baixo no espaço, que o céo não está em cima das nuvens, nem limitado pelas estrellas?

Terião podido identificar-se com a vida espiritual antes dos progressos da sciencia psychologica? conceber depois da morte, uma vida feliz ou infeliz, de outra maneira a não ser em um lugar circumscripto e debaixo de uma forma material? Não comprehendendo mais pelos sentidos do que pelo pensamento, o universo era muito vasto para o seu cerebro; preciso era reduzi-lo á proporções menos extensas para pô-lo no seu ponto de vista, ficando salvo estendel-o mais tarde. Uma revelação parcial tinha sua utilidade: era sabia então; é insufficiente hoje. A sem razão está da parte d'aquelles que, não attendendo ao progresso das idéas, julgão poder governar homens maduros com as andadeiras da infancia.

A. K.

FRAGMENTOS

O' crentes, como vós, no intimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.
O horisonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e que a alma é immortal.

To-la a alma é clarão e todo corpo é lama.
Quando a lama apodrece ainda o clarão scintilla:
Tirae o corpo—e fica uma lingua de chamma.
Tirae a alma—e resta um fragmento d'argila.

E para onde vae esse clarão? Misterio...
Não sei... Mas sei que sempre ha-de arder e brilhar.
Quer tivesse incendiado o cranio de Tiberio,
Quer tivesse aureolado a fronte de Joanna d'Arc.

Sim, creio que depois do derradeiro somno
Ha-de haver uma treva e ha-de haver uma luz
Para o vicio que morre ovante sobre um throno,
Para o santo que expira inerte numa cruz.

Tenho uma crença firme, uma crença robusta
Num Deus que hade guardar por sua propria mão
Numa julia de ferro a alma de Locusta
Num relicario doiro a alma de Platão.

Mas tambem acredito, embora isso vos peze,
E me julgueis talvez o nuitor dos atheus,
Que no universo inteiro ha uma só diocese
E uma só cathedral com um só bispo—Deus.

E muito embora a vossa igreja contriste
E a excommunhão papal nos abraze e destrúa,
A analyse é feroz como uma lança em riste
E na verdade cruel como uma espada núa.

E um dia a humanidade inteira, oceano em calma,
Ha-de fazer, na mesma aspiração reunida,
Da razão e da fé os dois olhos da alma,
Da verdade e da crença os dois polos da vida.

A crença é como o luar que nas trevas fluctúa;
A razão é do céo o esplendido farol.
Para a noite da morte é que Deus nos deu a lua
Para o dia da vida é que Deus fez o sol.

GUERRA JUNQUEIRO.

Responderão os paes pelos filhos e os filhos pelos paes?

Parece incrível que ao terminar do seculo decimo nono, que espantou o mundo com o desassombro com que devassou os segredos da natureza, no meio de tanta luz, appareça ainda na tela da discussão uma questão dessa ordem, em que se presta ao Creator, á fonte de todo amor, de toda sciencia, e de toda a justiça, um juizo que o homem repelle, com repugnancia de si.

Por uma erronea interpretação dos ensinamentos recebidos do alto por Moysés, teve curso entre Hebreus a doutrina de que Deus punia a iniquidade dos paes nos filhos até a terceira e á quarta geração, e recompensava até a milésima geração áquelles que cumpriam seus preceitos.

Essa interpretação, tão injusta aos olhos da moral, teve sua razão de ser naquelle tempo de tanto atrazo intellectual e moral, como um freio capaz de conter o desregramento das paixões humanas, inspirando aos homens o temor de concorrerem para o soffrimento de seus filhos.

Se o povo hebreu não fosse um dos povos mais ignorantes da antiguidade, se não antipathizasse tanto com as especulações philosophicas, caracter predominante da raça semitica, na sua propria historia elle descobriria a falsidade dessa doutrina. Elle veria por exemplo, na segunda geração de Abrahão, esse homem tão crente e por suas virtudes tão benquisto da Divindade, apparecer Esaú que abandona o Deus de seus paes para ir viver entregue a idolatria no deserto; veria Ozi, bisneto de Aarão ser expul-

so do pontificado por seu primo Heli que, a seu turno, e tambem castigado por suas faltas; veria o neto do grande David perder grande parte dos dominios de seus paes; veria que do impio Achaz nasceu Ezechias e do idolatra Amon Josias, os dous mais justos e crentes soberanos de Judá.

Moysés tambem disse, inspirado, no Exoto e no Deuteronomio, que os filhos, não pagavam pelos paes nem os paes pelos filhos, mas que cada um só respondia pelo seu peccado.

Nunca os Hebreus procuraram harmonizar esses dois ensinamentos contradictorios; o que não nos deve, comtudo, causar tanta admiração, quando vemos ainda hoje as seitas sahidas do Christianismo acariiciarem aquella doutrina como um dogma.

Jesus, referindo-se ao cégo de nascença, nem discute, por absurda, a hypothese de estar elle pagando as faltas de seus paes.

A voz divina diz, por seus mensageiros, aos prophetas Jeremias e Ezequiel: "Eu não sei em que se fundaram para ficar admittido como um proverbio em Israel, que os filhos pagam pelos paes e os paes pelos filhos. *De ora em diante não será mais assim*, e ficará como proverbio em Israel que cada um só responderá por si; que o filho virtuoso de um pae culpado não soffrerá pelos peccados deste, nem o filho culpado de um pae virtuoso se aproveitará dos favores por este merecidos." Eis ali um ensino inteiramente conforme com os dictames da razão esclarecida com os progressos da sciencia, inteiramente conforme com a idéa que fazemos da justiça divina.

Pois bem essa idéa tão santa e tão justa conta ainda adversarios em nossos dias. Seguidamente temos lido nos nossos periodicos que o Papa tem concedido a benção apostolica, a graça divina, que elle acredita ser uma cousa sua e da qual elle póde á vontade dispor, a este ou a aquelle individuo até á sua terceira e quarta geração; gerações que, na maioria dos casos, estão por nascer.

Saberá elle já quaes serão as inclinações desses nascituros, para assim ir deste já cumulando-os de favores, e como parecendo querer forçar a Divindade a sancionar esses disparates?

Que juizo forma o clero romano da justiça divina? Que juizo forma elle do bom senso do homem e das sociedades de hoje? Acreditará, por ventura que o facto de não se haver elevado um só protesto contra essa aberração do juizo humano, contra essa flagrante infracção do preceito divino, seja uma pro-

va da acquiescencia do mundo? E' um engano. Ali existe apenas uma demonstração da nenhuma importancia que se liga hoje as prescripções da egreja romana.

A descrença lavra no seio da sociedade, porque os encarregados de transmittir-nos os ensinamentos do Christo continuam apogados ás intepretações que lhes deu o passado, em vez de accommodal-os aos progressos da sciencia moderna. Como hade o mundo respeitá-la, quando ella dá o exemplo do desrespeito á vontade divina?

A voz divina disse pelo orgão dos prophetas Jeremias e Ezequiel: "Não será mais assim" E o papa responde: "Hade ser."

(Verdade e Luz)

FREQ.

RELIGIÃO

O laço supremo—O atheismo se explica—A religião independente

I

Nas tradições de todos os povos, no momento em que principia a civilização, encontra-se uma religião que é a base d'ella. D'esta religião precede uma moral, encarnada nos costumes e escripta nas leis.

Uma crença commum, eis aqui o laço poderoso que tem constituido e mantido as sociedades humanas.

Este laço é tão forte que, em quanto persiste a fé, ainda quando já não existe o pacto social, quando a patria jaz destruida, os troços disseminados de um povo depois de seculos de separação, palpitão todavia com a mesma vida.

Uma forma social demonstra de tal maneira a expressão da concepção religiosa que a produziu, que se pode reconstruir uma civilização extinta, com o texto dos seus dogmas e os artigos de sua fé.

Moral, sociedade, religião!—No passado da humanidade são inseparaveis estes tres termos, elles o são todavia hoje.

O movimento moderno é absolutamente christão. Inutil é renegarmos a nossa origem; homens da Europa actual datamos d'esta grande palavra: — Sois todos irmãos!

Em vão annunciou Jesus que não vinha destruir as antigas leis; a sua palavra, incubada pelos seculos, tem minado lentamente o edificio pagão e barbaro, em cujo cimo o falso christianismo da theocracia havia plantado a sua cruz.

A obra theocratica tem naufragado; a obra do Christo vai proseguindo triumphante. As nossas aspirações, os nossos tentamens, os nossos esforços, são os fructos d'esta semente que

tem germinado durante mil e novecentos annos, debaixo da miseria infecta do velho mundo.

O porvir não se ha de enganar.

A historia que domina as edades e abraça com um volver d'olhos a gran le linha das idéas, ligará o seculo em que se realisa a igualdade social ao seculo que houver proclamado a igualdade le religiosa.

Porque repudiar esta grande paternidade? A nossa razão mais firme pede lições viris e noções mais precisas; mas devemos por isso desdenhar a voz que os simples ensinamentos do coração nos deram?

II

Ha escusas para esta ingratição. O triste uso que se tem feito da palavra religião, desde a origem da historia, tem descreditado de tal maneira esta palavra que hoje quasi se necessita de valor para pronuncial-a.

A singular maneira com que foram confan lidas, em todos os tempos, as relações de Deus com o homem e do homem com Deus, dão uma apparencia de razão ás doutrinas que regeitam a personalidade divina, em nome da liberdade humana.

A ambição constante e fatal dos corpos sacerdotaes, explorando o prestigio religioso para dominar os povos, a obstinação dos ministros de todos os cultos em manter a lettra das velhas crenças, quando os progressos da razão, realizados apesar dos seus esforços, pedem a simplificação dos dogmas e a emancipação das formulas; os abusos e excessos de todo o genero de que os diversos symbolos foram o pretexto... ou a causa, explicam, infelizmente e, até certo ponto, justificam a reacção anti-religiosa que se tem pro luzido desde ha um seculo e que continua mais ardente do que nunca.

Outras causas recentes tem contribuido para fazer vacillar as almas. Demonstram lo os erros das antigas cosmogonias, geologos, archeologos, historiadores vieram em socorro da critica burlesca e acerba do seculo XVIII, sustentada pela analyse seria e pelos profundos trabalhos dos livre-pensadores dos nossos dias.

As sciencias naturaes, detidas, no principio das suas investigações pela lettra das revelações, passaram adiante, deixando a revelação entre as fabulas e collocando Deus na ordem das hypotheses.

Apoiados n'estes poderosos auxiliares, que declaram magistralmente não haver encontrado o Ser Supremo ao alcance das suas lunetas, nem o menor vestigio de uma alma immortal debaixo da ponta do seu escapello, as doutrinas negativas tinham todas as vantagens contra as affirmações na theologia.

Ao mesmo tempo, os descobrimentos modernos, as potencias physicas e intellectuaes adquiridas dia a dia, exaltaram o orgulho humano e os sabios persuadiram-se de que tem nos seus crises to los os mysterios da vida.

O trabalho quasi exclusivamente material da humanidade presente, que conquista annual natureza, e cria com forças novas os seus grandes orgãos de produção e de circulação, affastaram o espirito das calumnias do pensamento.

A accrescentação das riquezas materializou ainda mais a alma multiplicando os gozos e desenvolvendo as necessidades.

Sabe-se o que tem sucedido: — Para evitar a extravagancia das superstições, cahiu-se na extravagancia do atheismo.

Collocou-se o espirito humano entre duas loucuras igualmente perigosas, dizendo-lhe: — Escolhe!

Uns tiveram medo do vacuo e lançaram-se para traz, afigurando-se que para erer, bastava lhes amordagar a sua razão e não pensar. Outros, felizes de encontrar theorias que forneciam argumentos á sua secura de coração ou aos seus vicios, oppuzeram as doutrinas da negação aos importunos conselhos do dever.

Alguns buscam, nas praticas do espiritismo, um refugio contra o vacuo e uma fé que fale á razão e ao coração.

O maior numero vaga á aventura, sem mais guia do que um sentimento incerto e uma consciencia mal illuminada, desprendidos do passado e não vendo claro no futuro.

III

Para por um pouco de ordem no chãos moral produzido pela dissolução religiosa, trata-se de salvar do naufragio das idéas e da derrota das consciencias, alguns principios que podem reunir os principios dispersos e estabelecer um laço, independente de toda a crença.

Ainda aquelles mesmos que creem que tudo termina e a a forma; que a vida não tem outra solução que não a morte; que a consciencia vem do nada e para elle volta, se põem a caminho para buscar a moral commum, tal é a carencia de unidade que trabalha as almas.

Nós cremos tambem que é necessario estabelecer, fóra das doutrinas particulares e das seitas hostis, a base de uma moral racional; esta, porém, não pode ser sinão uma idéa religiosa, quer se tome na consciencia do passado, quer na consciencia do presente.

O que é necessario buscar não é a moral independente; é a religião independente.

IV

Por cima dos dogmas offi-

ciaes, dos cultos estabelecidos, das egrejas reconhecidas, destacam-se duas grandes ideias que são o fundo commum da intuição e da consciencia: — Existencia de um Sêr Supremo, principio e ordenador da vida. — Perpetuidade da consciencia individual com a sanção moral que resulta della!

Fôra do primeiro d'estes principios não ha religião; fôra do segundo não ha senão uma moral sem calor e sem seiva.

Simples, como tudo que é verdadeiro e grande, ao mesmo tempo elementares e profundas, accessiveis ás mais fracas intelligencias e bastando aos espiritos mais desenvolvidos, estas duas verdades fundamentaes da vida se affirmam por si mesmas.

São como a lei da alma; mas este raio divino encontra ás vezes cegos que não pôdem comprehendel-o, e loucos que fecham os olhos para não vel-o.

E' esta luz que é necessario desprender da confusão das crenças, e volver a collocar no seu logar, isto é, no cume.

V

Como se operará esta restauração dos grandes principios do pensamento!

Irá surgir um novo Gallileu de uma villa ignorada para voltar a pôr a humanidade no caminho da salvação? Que poderia dizer-nos um dovo Messias de mais bello, mais grandioso e mais divino do que estas palavras: « Deus é o pac commum e vós sois todos irmãos: amai-vos uns aos outros? »

A revelação do sentimento está terminada. O homem ouviu a ultima palavra do amor supremo; agora lhe toca pôr em pratica os ensinamentos que recebeu.

O espirito, que deve completar a obra do passado, é o mesmo espirito humano, expressado por seus pensadores, seus sabios e seus poetas, que buscam cada um na sua esphera a realisação da harmonia universal, a realisação da unidade.

Diversos já começaram a tarefa e morreram na brecha; mas o grão semeado não se perdeu. Uma vez que a humanidade colha a espiga, que importa que o trabalhador extenuado caia, ao cabo do sulco, antes que a colheita esteja na lura?

Eugenio Nus.

(Revista Esperista.)

O QUE É O ESPIRITISMO

POR

Allan Kardec

PRIMEIRA PARTE

2.º Dialogo

O SCEPTICO

(Continuação)

FALSAS EXPLICAÇÕES DOS PHENOMENOS

Nisso, como em todas as cousas, são sempre perigosos os juí-

zos precipitados, porque elles podem ser desmentidos pelos factos que ainda se não observou.

OS INCREDULOS NÃO PODEM VER PARA SE CONVENCER

V.—São factos positivos que os incredulos desejam ver, que elles pedem, e que, na maioria das vezes, não se lhes pode fornecer.

Se todos testemunhassem esses factos, a duvida não mais seria permitida.

Como é que tanta gente, apesar de sua boa vontade, nada tem conseguido ver?

Apresentam-lhes, dizem elles, como motivo sua falta de fé; mas elles respondem a isso, e com razão, que não podem ter uma fé antecipada, e que lhes devem dar os meios, para que elles possam crer.

A. K.—E' simples a razão disso. Elles querem que os factos obedeçam á sua ordem; é preciso esperar sua boa vontade.

Não basta dizer: Mostrai-me tal facto e eu creerei; é necessario ter-se a vontade de perseverar, deixar que os factos se produzam espontaneamente, sem preterder-se forçal-os ou dirigil-os; aquelle que mais de jaes será, talvez, precisamente o que não obtereis; virão, porém, outros e o que quereis se apresentará quando menos o esperardes.

Aos olhos do observador attento e assiduo surgem elles innumeraveis, se corroborando uns aos outros; mas aquelle que acredita, que basta tocar uma manivella para fazer que a machina ande, engana-se estranhamente.

Que faz o naturalista que estuda os habitos de um animal?

Mandal-o á elle fazer tal ou tal cousa, para poder observalo á sua vontade? Não; porque elle bem sabe que assim nada obterá; mas elle espia as manifestações espontaneas do instincto do animal; espera-as e as colhe na passagem.

O simples bom senso mostra que, com mais forte razão, deve-se proceder do mesmo modo como os Espiritos, que são intelligencias muito mais independentes que a dos animaes.

E' um erro crer que se exija do que quer estudar uma fé antecipada; o que se quer é boa fé, que é cousa diversa; ora ha scepticos que negam até a evidencia, e a quem prodigios mesmo não convenceriam.

Quantos delles, depois de haver visto não persistem ainda em explicar os factos a seu modo, dizendo que o que viram, nada prova?

Essas pessoas só servem para trazer a perturbação ao seio das reuniões, sem que ellas mesmas lucrem alguma cousa; é por isso que as não accitamos, por

não quereremos com ellas perder o nosse tempo.

Muitos até ficariam incomodados, se se vissem forçados a crer, para não ferir o seu amor proprio com a confissão de se haver enganado.

Que se pôde responder a quem vê por toda parte senão illusão e charlatanismo?

Nada; é melhor deixal-os tranquilos e dizer, tanto quanto quizeram que nada viram, e, mesmo, que nada poderam ou quizeram lhes fazer ver.

Ao lado desses scepticos endurecidos estão aquelles que querem ver ao seu modo, que, tendo formado uma opinião, pretendem por ella explicar tudo; estes não comprehendem que os phenomenos possam se dar contrariamente ao seu desejo; elles não sabem ou não querem se collocar nas condições precisas para obtel-os.

Quem de boa fé deseja observar deve, não digo crer sobre palavra, mas abandonar toda idéa preconcebida, e não buscar assimillar cousas incompativeis; cumpre-lhe aguardar, seguir, observar com uma paciencia infatigavel; esta condição é tambem em favor dos que se tornam adptos, pois que ella prova que a sua convicção não foi formada levianamente.

Dispondes vós de uma tal paciencia?

Não, dizeis vós, porque me falta o tempo.

Então não vos occupai, não fallai mais disso, quando ninguem a tal vos obriga.

BOM OU MAO QUERER DOS ESPIRITOS PARA CONVENCER

V.—Quando os Espiritos devem ter a peito fazer proselytos, porque não se prestam mais aos meios de convencer certas pessoas, cuja opinião tem grande influencia?

A. K.—E' por elles não julgarem dever, n'aquelle momento, fornecer provas ás pessoas a quem elles não ligam a importancia, que ellas pretendem ter.

E' pouco lisongeiro, convenho, mas nós não temos o direito de impôr a elles a nossa opinião; os Espiritos têm uma maneira de julgar as cousas que, nem sempre, se coaduna com a nossa; elles vêm, pensam e obram segundo outros elementos; ao passo que a nossa vista é circumscripta pela materia, limitada pela estreiteza do circulo em que vivemos, elles abraçam o todo; o tempo que nos parece tão longo, é para elles um instante, a distancia um simples passo, e certos detalhes, para nós de importancia extrema, são futilidades a seus olhos; por contraposição, elles ligam ás vezes, importancia a cousas cujo verdadeiro alcance nos escapa.

Para comprehendel-os é preciso elevarmo-nos pelo pensa-

mento acima do nosso horizonte material e moral, collocarmos em seu ponto de vista: que não são elles que devem descer a pôr-se de nivel commosco, mas nós subir até elles é o que nos ensinam o estudo e a observação.

Os Espiritos gostam dos observadores assiduos e conscienciosos; para estes elles multiplicam as fontes de luz; o que os afugenta não é a duvida que nasce da ignorancia, é a fatuidade desses pretendidos observadores que nada observam, que desejam colloca-los no banco dos réos e fazel-os moverem-se como titeres; é o sentimento de hostilizar e denegrir que, sobretudo, os domina, sentimento que existe em seus pensamentos, embora elles o não mostrem em suas palavras.

Por sua causa os Espiritos nada fazem, pouco se importando com o que possam dizer ou pensar, porque o seu dia tambem chegará.

Por isso vos disse que não é a fé antecipada que pedimos, mas sim a boa fé.

ORIGEM DAS IDÉAS SPIRITAS MODERNAS

V.—Uma cousa que eu desejava saber, senhor, é o ponto de partida das idéas spiritas modernas; serão ellas filhas de uma revelação espontanea dos Espiritos ou o resultado de uma crença previa na existencia delles?

Vós comprehendeis a importancia de minha questão; porque, n'este ultimo caso é admissivel que a imaginação possa n'isso ter desempenhado um papel.

A. K.—Como o dissestes, senhor, esta questão tem importancia, no ponto de vista que considerais, ainda que seja difficil acreditar-se, suppondo que essas idéas tenham nascido de uma crença antecipada, que a imaginação tenha podido produzir todos os resultados materiaes observados.

Com effeito, se o Spiritismo fosse fundado no pensamento preconcebido da existencia dos Espiritos, se poderia, com alguma apparencia de razão, duvidar de sua realidade; porque se o principio fôr uma chimera, as consequencias delle emanadas tambem o são; mas as cousas não se passaram assim.

Notai, em primeiro lugar, que essa marcha seria totalmente illogica; os Espiritos são uma cousa e não um effeito; quando se vê um effeito pôde-se procurar-lhe a causa, mas não é natural imaginar-se uma causa antes de lhe ter visto os effeitos.

(Continua.)

Atelier Miranda